

Ainda que Metamorfose

Maria Alice Leite



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

À minha irmã, minha melhor amiga, que, assim como as páginas deste livro, me ensinou que a vida é feita de mudanças necessárias para nos tornarmos quem realmente somos.

Obrigada por estar presente em cada tempo e espaço da minha vida.

Agradecimentos

Aos amigos que sempre sussurraram coragem quando minhas palavras hesitavam em nascer.

À minha irmã que me acompanhou em cada dobra do caminho.

Ao meu irmão Samuel, que, quando eu ainda era pequena, me fez acreditar que a escrita podia ser abrigo.

Aos meus psicólogos, que caminharam comigo em dias de sombra, ajudando-me a reencontrar minha voz — não a mais alta, mas a mais verdadeira.

Este livro é feito também dessas presenças que, de forma doce e profunda, me sustentaram enquanto eu me transformava.

resumo

Respostas á Vida

Desprezo Contentente

Talvez

Entre a Admiração e o Medo

Sinfonia dos Dias

Reflexões do Fim

Enigma do Desejo

O Universo em Ti

Silêncio de Afeto

Rumo ao Eu Verdadeiro

Reflexos de Sentimentos

Entre palavras não ditas

Desejo em Silêncio

Aptidões da Vida

O Encanto dos Teus Olhos

Primeiro Amor, Primeira Esperança

O Silêncio da Espera

O Silêncio do Orgulho

A Incerteza do Sentir

Na dor de não ser

Silêncio Que Restou

Do Outro lado da Fechadura

Despedida

Silêncio de Partida

O Amor que Não Veio

Entre Versos que Nunca Te Tocaram

Caminhos Cruzados e Destinos

Ecos do Interior

Amores Distantes

Plenitude de Amar

O Sentido do Bom

Sombras e Luzes do Caminho

Alforria do Amanhã

Paz e Solidão

Início no Fim

O Peso do Meu Silêncio

Onde a Tristeza Descansa

Medo de Nós

Entre Sombras e Silêncios

Segredo Guardado

Mãe: Amor Eterno e Gratidão

O Tempo que Aflora

Cicatrizes do Silêncio

Entre Calma e Chama

O Roubo do Meu Silêncio

Metade que Me Falta

O Amor que Me Acolheu

Além da Voz

O Infinito e a Queda

Em Busca da Dimensão Infinita

Noite Serena, Alma Cativa

Na Trilha do Instante

A Morte Invisível

Pedido ao Universo

O Porto que Sou

Natal que não é meu

O Peso do Olhar de Quem Amo

Entre o Querer e o Vazio

O Peso das Escolhas

O Eco da Impermanência

Fiel a Mim

Além do Último Dia

Cativeiro Interno

A Vida Pede Calma

Dor

A Urgência de Sentir

Reconstrução

Dualidade do Ser

O Peso das Minhas Palavras

Quem Dera

E se o amor fosse proibido ?

Silêncio do Agora

Perguntas ao céu

Fragmentos do Amar

Por Nada

Renascer no Perdão

O Peso do Inominável

Entre Flores e Sombras

Amor Guardado em Silêncio

Entre o Ficar e o Renascer

Apatia

O Peso do Deixar Ir

No Labirinto de Mim

O Compasso da Vida

Refúgio em Silêncio

O Que de Mim Espero

Vida

O Abraço do Vazio

Onde o Amor se Espalha

Convite ao Amor

O Amor e Seu Tempo

A Beleza da Vida

Ainda Me Escondo

O Dilema de Ser e Existir

Inteira

Caminhos do Destino

Entre o Ficar e o Partir

Amor e Ausência

Inércia do Ser

O Peso de Ser Forte

Somos Instantes

Órbita do Teu Olhar

No Limite de Mim

Mitos Sobre o Amor

Metamorfose Interrompida

O Silêncio Que Fala

Tempestade Dentro e Fora

A Beleza do Vazio

Antes Que Tudo Termine

O Vazio do Querer

Tudo se Vai

Passagem

O Fluxo da Vida

Um Amor Que Chega

Ela, Meu Lar

O Peso do Viver

Mulheres, Eternas Guerreiras

O Jeito é Ser

Jogo Vazio

Teus Olhos, Meu Lar

Passos Limpos

Entre o sentir e o aceitar

Inteiramente Eu.

Tudo Passa

Se não fosse eu

O Eterno que se Desfaz

Fluir, Sem se Perder

Cansaço

Despedida que Fica

O Refúgio Sou Eu

Se eu pudesse

Verdadeira ?

Sobre Expectativas

Não é carência, é ternura

Enquanto não chega

Arder e Ser

Quando a vida aperta

Do papel ao peito

O Abismo Que Não Sei Nomear

Ela e o Medo de Nadar

Beira d'água

Se Ela amar poesias

Encontrei (ou quase)

Curta Ilusão

Entre Possibilidades

O amor, de longe

Hoje, eu

Eu Amo o Fato de Poder Viver

O susto de merecer

Exausta, mas capaz

Achei que doeria

Metamorfose em Flor

Órbita

Talvez Seja Isso

Serei Sincera

A pausa

As coisas que não aprendi

A Arte de Estar \"Presal\"

O que o abraço calou

Metade abismo, Metade peito

Depois do Adeus a Mim

Até onde?

A Vida que me espera

No que sobra do silêncio

Que me encontre VIVA

Acordo com o Tempo

Inventário das perdas

O avesso da pele

Erro Miserável

O corpo sabe, o corpo sente

O peso de cada vez

Ser em mim

Reconvexa de mim

Linha reta

O mundo e o medo

O Instante Vazio

A pronúncia do ausente

Eu, espelho de Sidarta

caminho(S)

Devagar

Regresso

Dentro do Natal

Respostas á Vida

Quanto de nós o mundo exige?

Seja dor ou riso,

Pode ser que o amanhã nem exista,

Ou que a vida mude.

Talvez a vida nos peça coragem, vigor e firmeza

Mas eu não as possuo,

E sigo vagante nessa vida.

Se ela me pede coragem,

Eu lhe dou medo.

Se me pede amor,

Lhe forneço desprezo.

E se um dia ela quiser de volta,

Temo não ter nada em troca .

Desprezo Contente

Hoje me perguntaram,
quanto de amor eu dou aos outros.
E pensei: É mais do que dou a mim mesma.
Refleti nessa resposta,
e posso notar o desprezo.
Não é para todos que dou esse amor,
mas às vezes é só desprezo.
Mas não é um desprezo qualquer,
é um desprezo contente,
que não chama atenção
e não é constante.

Talvez

Como encarar o grande talvez da vida?

Talvez eu nem ame,
talvez eu sofra,
talvez eu viva bem.

Talvez eu seja criatura perdida,
talvez a vida seja sofrida,
talvez o mundo te execute.

Talvez eu nem consiga,
talvez eu nem exista,
talvez eu chore.

Talvez eu consiga viver a vida,
talvez eu sofra por pensar na vida.
Talvez a vida seja isto.

Entre a Admiração e o Medo

Que pecado seria não te amar,
admirar cada traço teu
tem sido meu tormento.
Tormento que só persiste,
porque tudo fica na contemplação.

Se um dia me convidares para mais,
serei relutante em cada palavra,
temo o próximo passo,
assim como temo tua chegada.

Tua chegada é aguardada,
mas me deixa em desvantagem,
me torna vulnerável,
e, ao caminhar ao teu lado,
encontro meu único alento.

Sinfonia dos Dias

A cada dia que te vejo,
nos corredores onde o tempo se esvai,
teu olhar ilumina o caminho,
teu corpo é uma sinfonia,
cada curva, uma doce melodia.

Nos momentos que partilhamos,
voltar para casa ganha nova cor,
teu jeito de falar me encanta,
tua voz é um sopro de calor.

Teu sorriso, uma promessa,
que o dia não deixa apagar,
espero ansiosa tua chegada,
para ao teu lado poder caminhar.

Tua inteligência, tua graça,
despertam em mim um encantamento,
e a cada volta para casa,
meu sonho se torna o momento.

Reflexões do Fim

E se o mundo estivesse acabando?
Pergunto a mim mesma: o que faria?
Pediria desculpas às pessoas pelo que fiz,
Ou será que deveria perdoar a mim?
Aproveitaria meus dias da melhor forma,
Ou me trancaria em silêncio?
Amaria minha família como nunca antes,
Mas poderia, em um dia, recuperar anos perdidos?
Talvez não seja sobre recuperar o tempo,
E sim sobre vivê-lo com intensidade.
Mas o que faço com a dor dos dias não vividos,
Dos anos esquecidos?
Preciso, enfim, ressignificar essa ausência,
Valorizar os momentos que ainda me restam,
Pois, no fim, nada é eterno.
Depois de tantas reflexões,
Concluo que, se o mundo estivesse acabando,
Talvez revelasse meus sentimentos guardados,
Ou, quem sabe, me isolaria.

Enigma do Desejo

Gosto de você, mas é um enigma,
Seu jeito me confunde da cabeça aos pés,
Por dentro, me perco em pensamentos,
E meu desejo por você só cresce mais.

Teu olhar é um mistério,
Não revela o que sente ou o que quer,
E eu anseio descobrir o que se esconde,
Temo falar, mas o desejo é maior.

O medo de falar e perder mais tempo
Me atormenta, mas te quero aqui,
Cada dia ao teu lado é um presente,
Mas eu sonho com algo mais, com você perto.

A cada encontro, meu coração clama,
Por um sinal, por um toque sincero,
Se o que sinto for recíproco,
Vamos aproveitar o tempo que temos.

Não quero mais perder momentos,
Teu jeito me fascina, e eu quero saber,
Se há algo mais além da nossa amizade,
E se houver, que possamos viver.

O Universo em Ti

Se me fosse permitido amar,
eu te amaria.
Se fosse permitido eu a ti me entregar;
Eu seria tua.

Tu fizestes as coisas em mim clarear,
teu jeito particular,
A tua voz ecoando é como o som do mar;
Teus risos se assemelham ao nascer do sol.
Teus olhos, a procura de algo,
me transparecem a aurora boreal.
Teus cabelos, o universo em expansão.

O teu sorriso frouxo,
me recorda sempre o porquê de eu te admirar.
Eu tento me convencer a mim mesma a não te observar,
Mas logo eu, atenta as belezas da vida,
não poderia deixar de olhar,
uma das mais belas maravilhas.

Silêncio de Afeto

No sussurro da tarde, um segredo guardado,
Teu sorriso ilumina meu mundo encantado,
Como uma luz suave que brilha e fascina,
Teu jeito sutilmente inspira e me ilumina.
Nos ecos da noite, onde o mistério se esconde,
Teu jeito me toca, como um sonho que responde,
Cada palavra tua é um encanto, um enigma,
Que preenche meu ser, com uma calma sublime.
Como o vento que passa sem deixar rastro,
Teu charme me envolve, um toque de astro,
Teu olhar, uma promessa de algo sereno,
Mesmo em segredo, sinto um afeto pleno.
Observo-te com um carinho discreto,
Cada gesto teu é um momento secreto,
E embora guarde este sentimento profundo,
Teus sinais são poesias no meu coração, sem mundo.
Navego em teus mundos, invisível e calada,
Mas em cada sonho, meu carinho é uma jornada.
No silêncio, meu afeto é um jardim escondido,
Um amor silencioso, mas tão querido.
Se um dia o destino nos der um novo caminho,
Saibas que esse afeto é mais que um simples carinho.
Mesmo que escondido, meu coração te adora,
E cada sentimento guardado é uma luz que aflora.

Rumo ao Eu Verdadeiro

Transforme-se sempre,
Ame, chore, viva, escreva
Invente formas de ser você,
Se descubra, se ame, se conquiste,
Porque no fim é só você.

Procure o que te faz bem,
O que faz seus olhos brilharem,
E se por acaso, alguém no caminho gritar:
Você está indo na direção errada!
Pare, pense e diga: É para lá que devo caminhar.

Viva o máximo de seus dias,
Perdoe a si mesmo, siga sua vida.
Aproxime-se de quem te faz bem,
Encontre sua família,
Seja feliz, viva, e no fim diga: Essa é minha nova vida !!

Reflexos de Sentimentos

Pensei por mim ,
Que seria possível termos algo.
Me iludi na vastidão dos sentimentos;
Aceitei, neguei, resisti,
E ainda neguei.

Cai nessa ilusão de amor.
Quando estou longe de você,
Controlo meus sentimentos;
Eles se esvaziam de mim.
Mas, ao te ver,
Todo amor retorna, intenso.

Talvez eu seja culpada,
Errada por te amar assim.
Mas estou ansiosa para um dia descobrir
O que você verdadeiramente sentes por mim.

Entre palavras não ditas

E por fim, descobri o que sentes.
Tu disseste: " Você sabe que não pode ser recíproco"
E eu, calada, aceitei;
Não havia o que dizer.

Ficamos em silêncio, sem saber como nos expressar.
Teus olhos se encheram de lágrimas,
E eu, preocupada com o que sentias,
Notei a dor que tentaste esconder.

Negaste qualquer receio,
Mas eu sei que há algo mais.
Espero que, apesar de tudo,
Possamos nos encontrar em paz,
E no fim, ainda sermos amigas

Desejo em Silêncio

Se meus olhos falassem,
Dir-lhes-iam como anseio te encontrar.
Que te buscam a qualquer hora do dia
E sorriem ao te avistar.

Meu coração é testemunha
Dos olhares que a ti se dirigem.
Se os ventos pudessem sussurrar,
Murmurariam o quanto te desejo,
Confidenciariam meu sentimento,
E meu anseio por ti.

Até os mais tolo perceberia
Ou o que sinto por ti.
Meu coração queima quando estás perto,
Mas tu te finges de cega,
Ignorando os olhares que envio
Tu és tola por não perceber,
E eu, por resistir.

Aptidões da Vida

Se somos aptos ao amor, somos aptos à vida.

Se somos aptos a sofrer, somos aptos a sorrir.

Se somos aptos a amar, somos aptos a sofrer.

Se somos aptos ao amor, somos aptos à solidão.

Se somos aptos a sonhar, somos aptos a realizar.

Se somos aptos para rir, somos aptos a chorar.

Se somos aptos para correr, somos aptos a caminhar.

Se somos aptos a machucar, somos aptos a perdoar.

Se somos aptos para pensar, somos aptos a agir.

Se somos aptos a querer, somos aptos a ter.

Se somos aptos a viver, somos aptos a morrer.

Se somos aptos a cair, somos aptos a levantar.

Se somos aptos a duvidar, somos aptos a acreditar.

Se somos aptos a perder, somos aptos a encontrar.

Se somos aptos a silenciar, somos aptos a cantar.

Se somos aptos a temer, somos aptos a ousar.

Se somos aptos a esquecer, somos aptos a lembrar.

Se somos aptos a desistir, somos aptos a tentar.

Se somos aptos a partir, somos aptos a voltar.

Se somos aptos a sonhar, somos aptos a voar.

Se somos aptos a viver, somos aptos a amar.

26/06/2024

O Encanto dos Teus Olhos

No meu olhar, reside o desejo,
um desejo que só a ti pertence.
Não sei se é real ou constante,
mas sei que é revigorante.

No teu olhar, mora a incerteza,
uma imensidão de coisas.
Nele cabe um universo inteiro,
ou melhor, o meu universo.

Teu olhar é chama,
é vida, simpatia, minha estante.
Por fim, é uma dádiva observar
teus olhos diariamente.

Primeiro Amor, Primeira Esperança

Hoje, mais uma vez,
te escrevo sem saber quem tu és.
Mas escrevo porque sei que em algum
lugar você existe.
E talvez esteja perdida, assim como eu.
Não estou familiarizada com amar ou com o amor,
Mas dentro de mim sei que o tenho.

"Sofro" ainda por não te conhecer,
Mas é um sofrer sem experimentar.
Então, eu poderia dizer que as primeiras vezes serão suas,
ou melhor, nossas ? Brincadeira.

Só quero dizer que a ti guardo,
O meu primeiro amor,
Meu primeiro frio na barriga para encontrar alguém,
E a primeira vez que meus desejos serão saciados.
E talvez a primeira vez que irei gostar e ser correspondida.
Ser amada e amar.

O Silêncio da Espera

Que a vida te traga para mim como um presente,
que o universo conspire a favor,
que o mundo saúde tua chegada,
que tudo que existe nesse mundo,
se silencie com tua chegada aguardada.

Pois meu coração te aguarda,
é o lar que te espera.
Minha alma anseia por teu toque,
meu corpo vibra com o alarme da tua vinda,
e eu, por inteira, temo o dia da tua partida.

O Silêncio do Orgulho

Ela não responder foi o mínimo
Senti uma segunda dor
Eu era mais fácil de esquecer.
Esquecer que não a enviei os poemas
Foi o que mais pensei.

Silêncio, foi tudo que me restou do orgulho
Mas o silêncio
Se tornou para ela um lar,
Algo parecido com a vergonha
de ser amada por uma mulher.

A Incerteza do Sentir

Talvez o gostar não seja
como imaginamos ser,
talvez seja algo superficial,
ou depende de quem sente
ou de por quem se sente.

Talvez eu só esteja ferida,
triste por ter ouvido um " não".
E nada mais.

Dos poemas que fiz e dei,
não tenho resposta.
Não sei se ela gostou,
se ao menos leu.
Penso que merecia um retorno,
mas talvez eu nem mereça.

Concluo que, talvez,
o gostar seja assim :
esperar uma resposta
e não ter nada, enfim.

Na dor de não ser

Ontem te olhei com dor,
vi em você tudo o que sempre quis,
teu jeito, tua delicadeza,
teu riso...
você, que eu quis para mim.

Dói saber que não posso te ter,
que nada entre nós pode ser,
pois em um único instante,
dissemos o que queremos.

Dói saber que possuo em mim,
o que buscas,
mas não sou, enfim,
o que de fato desejas.

E me pergunto,
enquanto carrego essa dor sem fim:
seria um erro eu ter nascido assim ?

Silêncio Que Restou

Ainda te olho, com dor,
às vezes, teu olhar,
carregado de simpatia,
me lembra o medo de sermos
o que somos.

Tu me olhas com pena,
com aquele mesmo olhar
do dia em que confessei
que de ti gostava.

Quando caminhamos lado a lado
e o assunto se desfaz,
tu sempre procuras um jeito,
de preencher o silêncio.

Como se esse vazio fosse,
o reflexo mudo
do não que me deste.

Do Outro lado da Fechadura

Talvez, se você
pudesse espiar
pelo buraco da fechadura
do meu peito,
se espantaria,
me acharia exagerada,
uma emocionada.

E talvez eu seja mesmo.

Há poemas seus,
retratos teus,
espalhados por todos os lados
do meu peito.

Despedida

Eu preciso escrever,
encerrar tudo isso,
fechar o que você foi pra mim,
os sentimentos que guardei por ti.

Tu não fizeste
questão de nenhum deles.
Não mereço, afinal,
sofrer mais com isso.

O que senti por ti,
não nego que foi real,
foi intenso, cativante,
belo de sentir - até certo ponto.

Mas fizeste descaso,
de mim e dos meus sentimentos,
e agora preciso criar, em mim,
um acaso que te apague.

Silêncio de Partida

Se eu pudesse te dizer algo,
diria que você me perdeu-
perdeu quem te amaria todos os dias,
quem te admirava em silêncio,
quem te olhava com um ar de amor,
desejo e encantamento.

Fizeste dos meus sentimentos
um nada,
e eu já não posso fazer de ti,
o meu tudo.

Hoje, apenas te saúdo em pensamentos,
desejo que encontre o desprezo que mereces,
pois meu amor, tu rejeitaste.

Assim, sigo sem saudades,
livre das amarras de te amar
por inteiro.

O Amor que Não Veio

Quantas vezes julguei ser amada,
mas o amor não veio.
Esperei que fosse recíproco,
mas a vida, impassível, silenciosa.
Trouxe seu fim.
Os dias nascem, repetem-se.
Ó sol renasce, indiferente.
Outros, como eu, também não são amados,
e ainda assim, tudo continua.
Se a vida insiste em seguir,
como posso eu,
por um amor que não veio,
permitir-me sofrer?
Será que amar é dever
ou apenas um sonho que criei?

Entre Versos que Nunca Te Tocaram

Por fim, descobri,
não havia erro em mim,
nem na intensidade do que sinto.
O erro, este sim, morava em ti,
no desprezo silencioso
ao que foi entregue com alma e papel.

Eras errante, talvez,
por agir sem fé,
sem ao menos carregar nos ombros
a responsabilidade por meus sentimentos.
Ou era apenas teu jeito,
ser assim, tão você,
que ao ignorar tudo o que era real,
me desfazia em silêncio.

Quando perguntei, com a voz quase trêmula,
se tinhas lido os poemas ?
aqueles, escritos na esperança de te alcançar ?
tu respondeste: "Li alguns."
E ali, a dor tomou lugar em meu peito,
mas, junto dela, veio a certeza:
o eco do adeus
que já me chamava por dentro.

Caminhos Cruzados e Destinos

O que será que o futuro e o destino me guardam?
Será que há um enigma nos caminhos que trilho?
Os meus sentimentos, como estrelas distantes,
surgem em noites profundas, sempre fora do meu alcance.

Descobri, com dor e surpresa,
que aquelas que cativaram meu coração,
eram constelações fora do meu firmamento,
e eu, uma viajante em busca de seu próprio céu.

Cansada estou deste dilema incessante,
onde o amor se entrelaça com a frustração,
encontrando em cada passo um espelho quebrado,
reflexos de um desejo que não se encaixa na realidade.

Aquela que pensei ser o enigma de minha jornada,
com quem compartilho encantos e sonhos,
se revela, porém, um caminho divergente,
uma sinfonia de pensamentos semelhantes, mas com melodias diferentes.

Nossas afinidades, como flores em um jardim,
se misturam com diferenças, como ventos que sopram em direções opostas,
e o amor, sempre à beira da frustração,
transforma-se em uma dança de esperança e resignação.

Sinto, com o coração cansado,
que o desejo e o desamor são sombras inseparáveis,
como um rio que corre e se desvia,
sempre em busca de um oceano que parece distante.

E assim, sigo meu caminho,
com o peso de um "amor" que se torna perda,
e a sensação de autossabotagem,

como uma companheira silenciosa que não me abandona.

Que o futuro me traga, talvez,
um desvio onde o amor e o destino se alinham,
onde as estrelas, antes inalcançáveis,
desçam ao meu firmamento,
iluminando o escuro.

Que meu coração, enfim, se torne bússola,
guiando-me para um céu que seja meu,
onde as dores se transformem em constelações passadas,
e o amor, enfim, floresça com a luz de um novo amanhecer.

Ecoss do Interior

Hoje, pensei no que escrever:
seria sobre o amor,
o desejo que arde em silêncio,
ou a paixão que, em seus extremos,
beira a solidão?

Talvez, o peso da vida fosse melhor:
outrora tão bela, agora cansativa,
ora amável, ora odiosa,
um ciclo que se repete, implacável.

Aprendi que os dias
são espelhos do interior.
Por isso, os meus se arrastam,
monótonos, desbotados,
um murmúrio de cansaço
ecoando no vazio.

Se os dias refletem a alma,
que esperança há em mudar?
Se, por dentro, já não há cor,
apenas o cinza de um mundo
que antes pulsava,
mas agora repousa inerte?

Amores Distantes

O amor, sempre longe de mim,
não disponível, mas tão perto.
Afloresce, mas se apaga
com o tempo já cansado.
Sinto, no coração esgotado,
que não mereço amar assim.
Os amores que surgem
já pertencem a alguém
ou talvez não sejam para mim.
Permaneço incerta,
questiono o que é real,
o que é possível.
Se o amor é para mim,
a vida parece negar,
dia após dia.
Não sei se devo esperar
o que realmente me pertence,
o que foi feito para mim.
Ou talvez siga adiante,
sem ele, até o fim.

Plenitude de Amar

É preciso ir além do que dói,
Seguir em frente, firmar a coragem.
Abraçar a vida em sua plenitude,
E não desistir dos sonhos ? não há margem.

Amar a chuva que lava a alma,
Amar o sol que aquece o ser.
Deixar o caos em silêncio se dissipar,
Caminhar, aprender, crescer.

Amar o percurso, cada passo vivido,
Amar a chegada, a conquista merecida.
Saudar a partida, o recomeço sentido,
E olhar a lua no silêncio da vida.

Contemplar o céu, vasto e sereno,
Respirar fundo, sentir o ar florescer.
Comer com calma, saborear o momento,
Sorrir devagar, em cada amanhecer.

Chorar com leveza, deixar lágrimas fluírem,
Abraçar com alma, aquecer o abraço.
Na jornada que é viver plenamente,
Amar cada instante como um eterno laço.

O Sentido do Bom

Penso no que de bom a vida traz,
Nos dias que correm, nos ventos que vão,
E as respostas, tão tímidas, não vêm jamais,
Como se o mistério morasse na palma da mão.

Há o brilho do sol, o cantar dos rios,
As cores que dançam em um céu sem fim,
Mas, ao buscar o que de fato é meu fio,
Sinto o vazio sussurrar dentro de mim.

Talvez o bom não se encontre sozinho,
Não seja uma porta, mas sim o caminho.
Quem sabe nas trocas, nos risos, na dor,
Se esconde a centelha do real valor.

E, se não há tantas respostas concretas,
Que reste a vontade de sempre buscar,
Pois viver é erguer perguntas discretas,
Esperando o amor, um dia, revelar.

Sombras e Luzes do Caminho

Na solidão, encontro a verdade,
No amor, o eterno conflito,
Amigos nem sempre à mão,
Amar-se : um desafio infinito.

A vida, ora bela, ora severa,
Em suas constantes revira-voltas.
Às vezes, pesa como uma espera,
Às vezes, estar só é libertador.

Não nego a dureza da jornada,
Nem o valor da solidão.
Carrego em mim sua morada,
E a dor que habita a criação.

Não nego a sensação de vazio,
Nem o eco da melancolia.
Cada dia carrega seu desafio,
Cada instante, sua agonia.

Neste labirinto de sentimentos,
Não nego a dor que me veste.
Perdida, às vezes, me reinvento,
Mas ainda procuro o que me veste.

Aceito, enfim, o tumulto da vida,
Com alegrias e decepções.
Caminho entre luz e ferida,
Em busca de novas razões.

A vida não é simples, verdade,
Mas pulsa para ser vivida.
Entre lágrimas e saudades,

Ainda assim, uma jornada querida.

Alforria do Amanhã

O hoje me representa,
O passado não me alimenta,
O presente ainda machuca,
E o futuro me saúda.

Ainda incerto, sempre distante,
Aguardo-o em minha luta incessante.
Seja ele belo ou revigorante,
Permanece um mistério intrigante.

E se fosse, eu seria uma vidente,
Mas ainda o aguardo.
E o construo com pedras,
Cada dia um passo, um sonho distante.

Pois no hoje que me representa,
No presente que ainda ensina,
Eu continuo persistente,
Alforjando um futuro de minha sina.

Paz e Solidão

Que minha paz seja constante,
seguindo o curso de um rio sereno,
cheio em algumas temporadas,
vazio em outras, mas sempre contínuo.

Que minha solidão revele
os momentos reais de autoamor,
que a solidude seja minha lição,
um aprendizado no caminho de me amar.

Que ela faça parte de mim,
até o fim de meus dias,
e que, quem sabe, o amor romântico
seja um presente inesperado.

Que esse amor recíproco e verdadeiro,
não remova minha solidão,
mas a preserve como uma parte de mim.

Que essa solidão, preservada,
permaneça quando o amor se for,
para que eu ainda tenha,
em minha essência, um refúgio só meu.

Início no Fim

O que será que o universo me aguarda,
Neste infinito que me cerca e assombra?
Sonhos se erguem, mas a dúvida tarda,
E a solidão, no peito, nos assombra.

Será ilusão crer em vida tão plena,
Em amor que cure toda dor sentida?
Ou será que a existência, tão pequena,
É solidão, a verdade mais sofrida?

Caminhamos, almas, rumo à perdição,
Mas e se o fim for apenas um começo?
Um novo capítulo em outra estação,
Onde amar e viver sejam o endereço?

Pois na vastidão, talvez algo nos espere,
Um reencontro, um sentido que se revele.
O coração quer mais do que a vida impere:
Ama, vive, e que o mistério se celebre.

O Peso do Meu Silêncio

Carrego em mim um fardo que não se desfaz,
um pesar antigo, tão denso e voraz.
É o peso das palavras que nunca se vão,
presas no peito, ocultas na mão.

O amor me arde, me queima em segredo,
um fogo que ilumina e veste de medo.
Falta-me o verbo, o toque, o momento,
e perco o que sinto no vento e no tempo.

Já fui mais forte, já soube expressar,
mas hoje me calo, começo a faltar.
Regrido à sombra do que eu era antes,
presa em silêncios, medos errantes.

Falo e temo, ou calo e desfaço,
pois do silêncio também sou meu laço.
Não sei se as palavras serão um abrigo,
ou se abrirão feridas que sangrem comigo.

Como dizer o que em mim é tão fundo,
sem que o outro carregue meu mundo?
Pois, e se ao ouvir, ele parte em segredo,
levando consigo meu amor e meu medo?

Ah, se pudesse, com gestos falar,
desenhar meus sentimentos no ar.
Mas sou poeta do não dito, do oculto,
perdida na dúvida, no meu próprio tumulto.

E assim sigo, errando e buscando,
com o coração nas mãos, pulsando e hesitando.
Pois o amor, tão vasto e tão misterioso,

é um mar revolto, mas também precioso.

Se me calo, me perco; se falo, me arrisco,

e o amor, no silêncio, torna-se arisco.

Mas mesmo hesitante, eu ousou tentar,

pois viver é sentir, mesmo sem acertar.

Onde a Tristeza Descansa

Permite-te um instante, só teu, tão puro,
Deixa a tristeza pousar no escuro.
Como chuva mansa que lava a alma,
Ela não fica, mas devolve a calma.

Escuta o silêncio no peito cansado,
É o tempo que fala no intervalo guardado.
Abraça a sombra sem medo de errar,
Pois até na dor, há beleza a pulsar.

O peso do mundo não é para sempre,
Há flores nascendo no chão inclemente.
Lágrimas que caem não são fracassadas,
São rios que correm por margens lavadas.

Nesta pausa, o amor te embala em segredo,
Acolhe tua dor, mas não cede ao medo.
Deixa o vazio ser palco de criação,
Pois o que hoje dói amanhã será canção.

A vida é respiro, um eterno compasso,
E a pausa é parte do seu abraço.
Permite-te parar, sentir, renascer,
Que na quietude, o amor vai te refazer.

Medo de Nós

Há um tremor em cada esquina do meu peito,
uma curva incerta onde mora o seu jeito.
Te vejo na cidade, entre luzes e fumaça,
mas minha coragem é sombra que me ultrapassa.

Quero dizer seu nome, mas minha voz fraqueja,
o desejo me chama, mas o medo me beija.
E se ao tocar sua mão, o mundo desabar?
E se ao cruzar o limite, eu não puder voltar?

A paixão me embriaga, mas o receio me guia,
é chama que aquece e esfria em um só dia.
Eu te amo em silêncio, como quem se perde,
como quem teme o abismo que a paixão concede.

Seus olhos, faróis, iluminam minha estrada,
mas e se o amor for prisão e não jornada?
E se em seus braços eu encontrar o fim,
um eco vazio onde você não cabe em mim?

Eu sigo com passos que não querem correr,
um coração que pulsa, mas não quer se render.
Te quero como quem teme o que não pode fugir,
quem sabe, um dia, eu me atreva a partir.

Entre Sombras e Silêncios

Talvez a vida tenha seus dias sombrios,
Dias em que os esforços parecem vazios,
Quando o mundo fere, rasga e maltrata,
E cada caminho parece uma cilada.

O medo se instala, a tristeza invade,
O peito se aperta, a dor não mais se esconde.
Tudo já veio, tudo já foi,
E o peso do fracasso é o que nos corrói.

As cobranças batem, ecoam na mente,
Pensamentos escuros se tornam frequentes.
Perdida, busco um norte, uma solução,
Mas só encontro o caos dentro do meu coração.

Isolar-me parece a resposta mais certa,
Na solidão, tento tornar a dor discreta.
Quem sabe ali, no silêncio profundo,
Consigna refazer meu pequeno mundo.

Ou talvez, sigo a me culpar sem cessar,
Presa em labirintos que insisto em criar.
E assim, entre sombras e breves clarões,
Luto para resgatar minhas próprias razões.

Segredo Guardado

Desfiz-me em emoção ao te olhar,
Pensamentos dispersos cessaram ao te avistar.
Volveram-se todos, em doce reverência,
Como negar-lhes o encanto da tua presença?

Teus passos, um sutil convite a sonhar,
Teu jeito, um farol que me faz navegar.
Perco-me e reencontro-me em teu movimento,
Um caos que se abranda a cada momento.

Permito que murmurem meus pensamentos,
Mas só a mim confessam seus segredos lentos.
Guardam teu nome em silêncio sagrado,
Bem escondido, no peito resguardado.

Mãe: Amor Eterno e Gratidão

A quem me amou ainda no ventre,
Me carregou, deu amor e paixão,
Ofereceu abrigo, colo, tempo e proteção,
Agradeço pelo pão de cada dia,
Pela vida que me deste,
Pelas noites mal dormidas e os trabalhos que fizeste.

Tu és meu amor e dona da minha gratidão.
Eu te perdoo pela falta de fé, proteção,
Colo e palavras de afirmação.
Peço perdão pelas palavras que te feriram;
Não era minha intenção.
Prometo que estarás livre do que te faz mal
E receberás o que deseja teu coração.

Teu nome é amor, e no amor há gratidão.
Mãe, hoje e eternamente,
Tu és dona do meu coração.

O Tempo que Aflora

Sempre sonhei com o mistério do instante,
De estar contigo e ver o tempo fugir,
Sem relógios, sem pressa incessante,
Apenas o susto de o ver sumir.

O tempo nos prende, com sua trama fina,
Laços sutis que mal podemos ver.
Mas quando o momento é leve, ele se inclina,
E passa tão rápido que é prazer viver.

Ao teu lado, o mundo se desfaz em demora,
O presente explode, o fardo evapora.
Cada segundo, uma pétala que aflora,
Pois contigo, o tempo não se vai ? ele mora.

Cicatrizes do Silêncio

Talvez o momento pese,
As decisões rasguem a alma,
A tristeza se demore,
Sem pressa de trazer calma.
O medo chega sem aviso,
A saudade se faz insistente,
A cobrança ecoa no vazio,
E o mundo parece indiferente.
O amor, às vezes, escapa,
Seja de quem for, sua partida fere.
A vida engana, se desmancha,
Em minutos, tudo se perde.
Mas, apesar da dor, ela passa,
Invade, corta e se desfaz.
Você veste um escudo que disfarça,
Mas quem disse que o silêncio é capaz?
Fingir não sentir não te ausenta,
Das marcas que a dor deixou.
Falar é quem dá a alma alento,
E transforma em cura o que te rasgou.

Entre Calma e Chama

É fácil dizer o jeito que tu me deixas:
Me desarmas, me armas, e me desarmas novamente.
É um eterno ciclo sem fim,
Outrora calada,
Outrora em chamas dentro de mim.

Quando te saúdo,
Tu te ergues em movimento,
Aceitas cada gesto,
Como se todos fizessem parte de ti.

Te satisfazes,
Te banhas nessa onda,
E eu admiro,
A cada instante que te afundas.

O Roubo do Meu Silêncio

Me acostumaram a viver só,
A conviver só,
A lidar com o caos da vida sozinha,
A guardar os sentimentos em caixas fechadas,
A não falar quando os adultos falavam,
A aceitar o "não" sem questionar,
Sem nunca perguntar o porquê de nada.

Não podia perguntar,
Não podia opinar,
Muito menos formalizar um pensamento,
Sobre a vida ou sobre mim.
Fui moldada em silêncio,
Com palavras nunca ditas,
E perguntas que morreram na garganta.

Roubam-me os momentos, sem que eu peça,
O silêncio que imploro se desfaz,
As horas que anseio para repousar
Se dissolvem em deveres que me atam.

Hoje sei que tenho autonomia,
Que posso abrir portas, derrubar paredes,
Mas há prateleiras dentro de mim,
Repletas de coisas que não escolhi.
São sombras que nunca pediram licença,
Invadiram, se instalaram,
E permanecem como ecos antigos.

Funcionar é tudo o que me resta,
Uma máquina que pulsa sem escolha,
Enquanto o tempo, cruel e fugaz,
Me escapa pelas frestas das horas.

Oh, vida que nunca se acomoda,
Por que não cedes um instante só meu?
Roubam-me o agora, o ser e o nada,
E eu sigo vazia, sem saber quem sou eu.

Metade que Me Falta

Se, ao desvendar os abismos que trago,
Os labirintos sombrios onde me apago,
Você ainda ficar, sem medo, sem fuga,
Saberei que é você, minha alma desnuda.
Carrego demônios que gritam em mim,
Fantasmas de ontem, um eco sem fim.
Mas no teu olhar, um porto eu encontro,
Calando o caos, desfazendo o confronto.
Não é sobre perfeição, nunca foi, jamais será,
É sobre quem fica quando o mundo desabar.
Se teu abraço acolhe minhas partes quebradas,
És a peça que faltava nas horas caladas.
Porque amar é isso: coragem e entrega,
É ver o escuro do outro e, ainda assim, que a luz navega.
E se você, conhecendo meu lado mais sombrio,
Escolher ficar, saberemos: é destino, é um fio.

O Amor que Me Acolheu

Era eu, ainda criança, quem me abraçava,
Na solidão de um mundo que me ensinava
Que amar era errado, que o amor era dor,
Mas algo dentro de mim sussurrava: "É só amor."
Quando o medo veio, com o frio na barriga,
E o olhar alheio trouxe insegurança antiga,
Eu, com minhas mãos, me amparei,
Porque ninguém mais sabia o que eu escondia, ninguém via o que eu carregava.
Eu sabia que amava mulheres, mas calava,
O amor se escondia, o medo me afastava.
Eu pensava que, se amasse, seria errada,
E afastei o amor como uma sombra indesejada.
Mas fui aprendendo a me ouvir em silêncio,
A acolher a dor, a curar o sentimento.
O amor não é um erro, não é uma prisão,
É coragem, é liberdade, é a voz do coração.
Amar é ter coragem de ser quem sou,
É olhar para dentro e ver o que restou.
E quando me acolhi, ao me aceitar,
O amor floresceu em mim, sem precisar mais se esconder.
Eu fui quem me deu colo, quem me abraçou,
Eu fui quem entendeu o que o mundo calou.
Hoje, ao me olhar, vejo o que sou capaz:
Amar não é errado, amar é paz.
E assim, na minha jornada de autoencontro,
Eu aprendi que o amor começa de dentro.
O amor é o que sou, o que sou em liberdade,
E ao me acolher, encontrei a minha verdade.

Além da Voz

Que o universo esteja ao meu lado,
Pois há momentos em que nem eu estou.
Que ele me envolva em seus braços serenos,
Quando o medo me tomar e os ventos forem contrários,
Que ele me dê forças, me infunda vigor,
Quando o amor parecer distante e a esperança, ausente.
Que, nesses dias escuros, eu saiba me encontrar,
Reconhecer o meu valor, mesmo quando as dúvidas surgirem,
E quando o eco da insegurança gritar dentro de mim,
Que eu recorde quem sou e tudo o que posso conquistar.
Que, ao enfrentar o medo, eu tenha coragem para afastá-lo,
E ao saborear as conquistas, eu saiba reconhecer a beleza
De cada passo dado, de cada vitória conquistada.
Que, ao ouvir a voz que se ergue contra mim,
Eu tenha firmeza para não me deixar definir,
Pois sei, com clareza, que sou mais do que ela pode dizer.
Que eu siga essa jornada, com coragem e verdade,
Para que minhas palavras não sejam apenas reflexo de minha hipocrisia,
Mas a prova de uma alma em busca de sua plenitude,
Crescendo, florescendo, sem jamais perder-se no caminho.

O Infinito e a Queda

Talvez o universo me atraia,
E em seu ventre eu caia,
Na dança sutil da expansão,
Onde estrelas se perdem,
E o tempo não tem chão.

Talvez o erro não fosse partir,
Mas deixar-se ficar,
Como quem foge do abismo
Por medo de amar.
Pois há quedas suaves
E há quem nelas queira morar.

Cair em desilusão,
É só mais uma estação,
Um ciclo de luas que minguam,
De braços que se fecham,
De corações que não mais vibram.

E talvez o pior seja se abster,
E o peito em silêncio deixar.
Quando a alma se cala,
A vida se nega,
E o amor, sem chão, se perde no ar.

No fim, cair em negação
É negar o pulsar do universo,
Que insiste em girar,
Que grita: "Seja! Ame! Permita-se!"
Pois até no vazio,
Há luz a se revelar.

Em Busca da Dimensão Infinita

Procurei na vastidão do universo
o que precisaria ser escrito no hoje.
Fui banhada pela incerteza,
pega de surpresa por ventos desconhecidos.
Não compreendo os labirintos do amar,
os ecos de viver,
os fragmentos de ser,
ou a ilusão do ter.
Me perco nesses conceitos,
como quem tenta capturar o vento,
mas ele escapa entre os dedos,
deixando apenas o sussurro do silêncio.
Escrever é meu refúgio,
ser é meu desafio,
existir é meu mistério.
Flutuo nessas dimensões,
entre o que sou e o que busco ser.
Há uma verdade oculta,
uma dimensão que pulsa e se transforma,
revelando-me, pedaço a pedaço,
na vastidão de cada verso.
E, ao escrever, percebo:
não existe um ponto final.
A verdadeira dimensão sou eu,
em eterna reinvenção.

Noite Serena, Alma Cativa

Ela me disse, num sussurro singelo,
Que a tristeza lhe chegara sem aviso,
Um véu de nuvens encobrindo o belo,
Um eco mudo no que antes era riso.
Quis dizer-lhe o quanto ela ilumina,
Que a admiro na essência, na alma e no olhar,
Que sua presença, tão doce, me fascina,
E faz meu mundo inteiro pulsar.
Seu sorriso é um lar que me abraça,
Sua voz, um canto que me leva a vagar,
As mãos, um porto onde o tempo não passa,
Seu colo, o refúgio onde posso ancorar.
Mas hoje, escrevo para que ela saiba,
Que sua tristeza me dói, me parte o ser,
Que tudo o que quero é ser a luz que caiba
Na fresta do mundo que ela quer ver.
Se pudesse, a envolveria em um abraço,
Beijaria sua fronte, tão leve, tão calma,
Mas deixo este poema em traços,
Com esperança de aquecer-lhe a alma.
E ao partir, digo apenas em prece:
Que a noite lhe seja gentil e serena,
Que amanhã o sol renasça e esclarece
Que sua beleza é a cura da cena.

Na Trilha do Instante

Desejamos tudo, mas esquecemos o nada.
Na ânsia do amanhã, pisamos no agora,
Deixamos que a vida sussurre ao vento
Enquanto perseguimos um eco que nunca volta.

Não há escadas, apenas curvas,
Ruas que se cruzam sem destino certo.
É no tropeço que aprendemos o ritmo,
É na pausa que o som faz sentido.

Esperei pelo tempo que não me esperava,
E, no silêncio, ouvi minha própria dança.
Um sorriso, não o teu, mas o reflexo da manhã,
Fez-me enxergar a poesia no avesso da espera.

Mãos que não se tocam ainda contam histórias,
Palavras que nunca saíram carregam mundos.
Sob as árvores, descobri o vazio cheio,
Abraçando o todo no espaço do nada.

No fim, não somos lembranças,
Somos o instante que nunca acaba,
A curva que se reinventa,
O agora que sempre será.

A Morte Invisível

Viver?

Morro a cada instante.

Morro a cada palavra não dita,
a cada choro engolido,
a cada dor revirada,
a cada trauma revivido.

Morro a cada abraço sem ser permitido,
a cada lembrança que o inconsciente desperta.

Morro... a cada instante.

Ou talvez já tenha morrido.
Talvez tenha partido, pouco a pouco,
ligeiramente,
desde os meus 7 anos de idade.
E ninguém tenha percebido.

Pedido ao Universo

Talvez o dia, em sua mansidão, se apague,
e com ele as dores, que em meu peito ardem.
Talvez as aflições, como névoa ao sol,
se dissolvam em um instante de alarde.
Quem dera o caos, tão íntimo e cruel,
se rendesse ao cansaço e silenciasse.
Eu pediria ao universo, sem temor ou vaidade,
a paz de existir sem que o peso ameaçasse.
Não quero glórias, nem promessas de eternidade,
apenas o repouso de um ser em harmonia.
Um alento que cale os atritos do mundo,
e transforme o agora em doce calma.
Que o universo, com sua grandeza sem fim,
ouça esse sussurro que em mim se faz oração.
Um pedido simples, de um coração cansado:
descansar na paz de uma breve razão.

O Porto que Sou

Hoje, ao me arrumar para sair,
olhei-me no espelho e pensei:
será que a eu do passado
sorriria ao me ver agora?

Será que se orgulharia
da força que encontrei nas quedas,
das escolhas que fiz no silêncio,
das vezes que recomecei,
mesmo sem saber o caminho?

Olhei de novo.
E, entre reflexos, enxerguei:
um brilho único,
não de perfeição,
mas de aceitação.

Sentir-se bem.
Calma.
Tranquila.

Quantas vezes sonhei com este momento,
em que o caos deixaria de ser lar
e a paz viria me abraçar?

Pronta para encontrar meu porto,
aquele que esperei,
que busquei com mãos trêmulas,
em mares revoltos.

Hoje, o vejo diante de mim.
Não é apenas um lugar,
é uma certeza silenciosa,

uma voz suave que sussurra:

"Você chegou."

E ao me olhar de novo,

não sou mais só reflexo.

Sou o passado que acreditou,

o presente que se reencontrou

e o futuro que sorri.

Natal que não é meu

Não há brilho na luz das guirlandas,
nem calor nos abraços que vejo.
O mundo celebra com riso e canções,
mas em mim ecoa o silêncio do ensejo.

Árvores vestidas de ouro e esperança,
em minhas memórias, folhas de dor.
Presentes embrulhados em laços tão finos,
mas nunca embrulharam o amor.

A mesa farta, a alegria encenada,
não cabem na história que trago comigo.
Pois entre mentiras, gritos e feridas,
o Natal foi um palco sem abrigo.

Como fingir que há encanto no vento,
se cada sopro traz o passado?
A promessa de paz, tão distante, tão fria,
um sonho por tantos sonhado.

E assim caminho entre luzes e sombras,
guardando no peito o que é só meu.
Um Natal sem mentiras, nem farsas,
um espaço vazio que nunca morreu.

Se o lar é mentira, não busco castelos,
se a calma é invenção, não finjo sorrir.
Pois há mais verdade em minha solidão
do que em festas que não podem existir.

Que o tempo me ensine, ou que eu me ensine,
a aceitar o que nunca chegou.

Um Natal sincero, não de contos e lendas,
mas de um coração que jamais se dobrou.

O Peso do Olhar de Quem Amo

Quando os dias de segredos já ficaram para trás,
e as palavras que guardei encontram o mundo,
me vejo assombrada por pensamentos
de como aqueles que me criaram com amor,
e os que me admiraram em silêncio,
podem agora me olhar de outra forma.

Minha família, minhas raízes,
serão elas fortes o bastante
para suportar o peso de quem sou?
Ou o amor que sempre foi incondicional
vai se dobrar perante o espelho da verdade?

Os que me chamaram de exemplo,
serão capazes de me enxergar sem rachar o cristal?
Pois aqui estou, inteira e verdadeira,
não menor, nem maior, apenas eu,
abraçando o amor que escolhi viver.

Entre o Querer e o Vazio

Queria parar e me calar,
deixar o mundo girar sem meu pesar.
Ser apática ao tempo, ao vento, ao tudo,
um silêncio profundo, um coração mudo.

De que vale a sensibilidade à flor?
Se o toque do mundo só traz mais dor?
Queria sentir sem o peso das correntes,
ser livre, por um instante, de correntes latentes.

Sentir sem culpa, sem medo, sem pressa,
como a lua que brilha e nunca regressa.
Mas o querer é tão vasto e tão vão,
me vejo de mãos vazias, sem chão.

Queria muito, mas tenho tão pouco,
um sonho apagado, um lume tão rouco.
Talvez, no vazio, encontre o sentido,
ou na apatia, o que nunca foi vivido.

O Peso das Escolhas

Paro e penso, um breve instante,
o que da minha vida tenho feito, errante?
Mentiras suaves que conto ao espelho,
ilusões que se vestem de conselhos.

Decisões vazias, sem a minha essência,
escolhas moldadas pela adolescência.
Uma rota traçada, mas que não me encanta,
uma jornada que a alma, em silêncio, espanta.

Desistir? Não, isso não cabe em meu ser,
há algo maior que me faz permanecer.
Mas seguir é fardo, é prova constante,
um passo a mais, um sonho distante.

Que seja assim, meu caminho trilhado,
com erros e acertos no peito guardado.
Pois mesmo sem brilho, há uma razão,
um motivo que pulsa em meu coração.

O Eco da Impermanência

Talvez eu mude o que sinto,
a forma de ver o mundo,
onde o sim, antes guardado,
vira um não profundo,
e o não sussurra o sim
no eco do ir e vir.

O mundo dança em dualidades,
entre querer e partidas.
Perco e encontro pedaços,
sou espectadora das vidas.

De longe, estendo a mão,
mas não me cabe interferir.
Sou adepta do deixar ir,
pois tudo que vem se desfaz,
e um dia, até eu serei caís.

Fiel a Mim

Morrerei incompreendida, mas fiel a mim.
Carregarei no peito a solidão dos que amam o indizível,
O paradoxo de existir em um mundo que não vê
O mistério contido naquilo que apenas é.
Morrerei como quem guarda um segredo antigo,
A palavra nunca dita, mas que sempre pulsou.
Será que alguém escutou o som do meu silêncio?
Ou fui apenas um eco que o vento apagou?
Morrerei sem pedir nada,
Sem exigir que me expliquem, que me aceitem,
Pois viver já foi uma confissão inteira,
Um voo cego em direção ao infinito que me pertence.
Quando o último instante vier como um sussurro,
E eu desaparecer nas entrelinhas do tempo,
Que fique este rastro:
Não precisei ser compreendida para ser completa,
Pois morrerei incompreendida, mas fiel a mim.

Além do Último Dia

O último dia do ano
não é o fim de tudo,
é apenas um sussurro no vento,
um momento que passa.

O tempo não se encerra,
apenas dança em círculos,
escrevendo histórias nos vazios
onde acreditamos que tudo termina.

Outros dias virão,
com o sol nascendo em silêncio
e a promessa de recomeços
sussurrando entre as ondas.

Não há fim,
apenas uma pausa breve,
uma respiração do universo
esperando para continuar.

Cativeiro Interno

Tristeza me veste em silêncios,
como um manto que pesa na alma.
Dor é o eco dos dias,
uma melodia amarga que nunca cessa.
Vazia, caminho pelos corredores de mim mesma,
onde as paredes sussurram
promessas quebradas e sonhos esquecidos.
Apática, observo o mundo girar,
mas não me movo,
presa em pensamentos que se repetem,
labirintos sem saída.
Conheço bem essas emoções,
elas me acompanham como sombras,
me falam de coisas que evito ouvir
e me mostram o que temo sentir.
Sinto-as todas,
em cada respiração cortada,
em cada pausa entre uma palavra e outra.

Mas, às vezes,
no mais profundo vazio,
há um fio de luz tênue,
uma promessa silenciosa
de que talvez o peso seja partilha,
e não condenação.
Ainda assim, espero.
Não por respostas,
mas por fôlego.
Por um momento em que o silêncio
não grite tão alto.

A Vida Pede Calma

A vida pede um pouco de calma,
uma pausa entre o ruído e o silêncio,
um espaço para sentir o instante
sem o peso de chegar a lugar algum.

Calma para pensar sem pressa,
deixar os pensamentos dançarem
como folhas ao vento,
sem medo do pouso.

Calma para fazer sem atropelo,
porque o que nasce devagar
carrega em si a força do eterno.

Calma para amar,
não como quem queima,
mas como quem acende luzes
que iluminam sem apagar.

Rir e sorrir com a leveza do agora,
chorar como quem liberta o que pesa,
amar como quem descobre o mundo
dentro do outro,
sem pressa, sem pressões.

Talvez, no fim,
seja só isso que precisamos:
viver com calma,
sentir com calma,
ser com calma.

Porque a vida,
essa que corre e nos escapa,

espera apenas que a gente
aprenda a ficar.

Dor

Dor, sinônimo de viver,
um eco que nasce sem origem,
sem fim que se possa prever.
É dor de não pertencer,
de ser e, ainda assim,
sentir-se longe de si mesma.
Dor de amar em silêncio,
com palavras presas no peito,
como pássaros que não sabem voar.
De ter e não ser,
ou de sonhar com algo que
nunca será para si.
A dor, tão humana, tão crua,
se faz eterna companheira,
mas também prova que se vive,
que se sente, que se é inteira.
Porque até na ausência,
na falta e na perda,
há o pulsar da vida,
há o existir.

A Urgência de Sentir

Demorei porque precisei aprender a te olhar sem pressa.

Você não é superfície,

não é um lugar onde se chega.

Você é um labirinto que exige paciência,

um mistério que precisa de silêncio para ser ouvido.

E eu não queria só o prazer de um beijo,

o fogo que consome e deixa cinzas.

Não, eu queria o que arde por dentro,

o que queima sem ser visto.

Queria entrar na tua solidão,

essa que você guarda como um segredo antigo,

e senti-la como se fosse minha.

Entenda:

não é que eu tenha medo de você,

mas do que encontro em mim quando te descobro.

Porque ao te tocar,

eu toco algo maior,

algo que não tem nome.

Não é loucura. Ou talvez seja.

Mas existe algo mais sensato do que desejar o impossível?

Eu quis beijar seu coração,

porque a boca, ah, a boca é fácil.

Mas o coração?

Esse exige coragem,

exige perder-se e não querer ser encontrado.

E agora estou aqui,

me declarando,

não porque estou pronta,

mas porque já não sei como viver sem sentir você.

Reconstrução

Talvez eu me afaste
E deixe para trás meu próprio eco,
Saia de mim,
Desvista as vestes do agora,
Esqueça rostos,
Esqueça passos,
Esqueça o peso que carrego.

Que o esquecimento seja solo fértil,
Onde brota algo além do vazio,
Algo que pulse e floresça,
Belo como o nascer do sol,
Rico em amor,
Amplamente como o céu que abraça.

E assim, reconstruída,
Eu voltarei a caminhar,
Não para retomar o que era,
Mas para celebrar o que se fez novo.

Dualidade do Ser

Um ser abstrato,
Hora presente,
Outra ausente.
Dança na dualidade da vida,
No ciclo que começa e se desfaz,
No eco do tempo que volta e refaz.

Na concepção,
No início que germina.
No conceito de ser,
Um mistério que ilumina.
No de viver,
Um sopro que insiste.
No de amar,
Um enigma que persiste.

Entre o tudo e o nada, se constrói, se desfaz,
Um instante fugaz que nos prende e nos traz.
Entre presença e ausência, entre sombra e luz,
O ser abstrato caminha e conduz.

E assim, no eterno compasso,
Na dança do existir e do acaso,
Esse ser, tão imenso e fugaz,
Nos revela: na dualidade, a vida se faz.

O Peso das Minhas Palavras

Não sei ao certo o que faço,
Mas carrego a estranha habilidade
De quebrar momentos,
De ferir corações sem querer.

Talvez seja por isso que vivo pedindo desculpas,
Tentando evitar o inevitável,
Mas sempre encontro, sem perceber,
Uma nova forma de machucar.

E é nesse instante, sem querer,
Que revelo a parte que escondo,
A parte de mim que nem eu aceito,
Que às vezes temo chamar de "eu".

Se não me compreendo por completo,
Como ousaria compreender o outro?
Como ser guia em um terreno
Onde até meus passos são incertos?

E assim, sigo entre erros e pedidos,
Tentando ser mais brisa que tempestade,
Tentando aprender que, às vezes,
Amar também é aceitar-se na verdade

Quem Dera

Quem dera, oh vida, ser livre da dor,
Ser brisa suave, um eterno calor.
Se os passos no tempo fossem sempre gentis,
E as lágrimas, meros rumores sutis.

Quem dera se o amar fosse pura bonança,
Um campo de flores, eterna esperança.
Se o sonho acordasse em real esplendor,
E o medo cedesse ao mais puro amor.

Se as metas, ao longe, fossem logo alcançadas,
As pedras do caminho, já não encontradas.
Se o viver fosse digno, tão pleno e sincero,
Um abraço do mundo, um canto que espero.

Mas a vida, caprichosa, nos quer ensinar,
Que na dor há lições, há forças a achar.
Que na busca incessante, o viver se constrói,
E é na luta que o espírito jamais se destrói.

Quem dera, mas talvez, não fosse tão belo,
Pois é no imperfeito que achamos o elo.
Se o sonho persiste e o coração ainda crê,
A vida se faz em quem ousa viver.

E se o amor fosse proibido ?

E se um dia dissessem: "Amar é crime, é pecado,"
O mundo inteiro choraria, o coração despedaçado.
Rebeldia em cada esquina, gritos ecoando no ar,
Pessoas lutando, sofrendo, por não poderem amar.
Haveria prisões de afeto, correntes no coração,
Amar seria sentença, uma cruel transgressão.
Mas como impedir a chama, que nasce sem permissão?
O amor, mesmo proibido, é pura revolução.
Hoje o amor é liberdade, ou ao menos deveria ser,
Mas há quem o condene, sem tentar compreender.
Há olhares que o julgam indigno, que tentam o calar,
Mas o amor resiste, insiste, sempre vai se reinventar.
Às vezes, paga-se um preço, o peso de se amar assim,
Mas o amor é chama eterna, que arde até o fim.
Pois mesmo que tentem matá-lo, destruí-lo ou aprisionar,
O amor é força indomável, é a razão de continuar.

Silêncio do Agora

Hoje, não tenho o que escrever,
Não possuo palavras dentro de mim.
Amor?
Distante.
E nada tenho para falar da vida,
Pois hoje me é vida,
E amanhã já parti.

Perguntas ao céu

Eu grito aos céus,
Aos deuses que habitam o vento,
Ao universo que me cerca em silêncio,
Aos anjos que deveriam velar por mim.

Por que tudo isso ao mesmo tempo?
Por que o peso que curva meus ombros
E a tempestade que ameaça meu barco de papel?

Sinto que afundo, cada vez mais,
Num mar que não perdoa,
Que testa minha força e minha alma,
Como se eu fosse feita de aço.

Mas, no eco das perguntas,
Talvez a resposta não venha de cima,
Talvez seja eu, a capitã de mim mesma,
Aprendendo a flutuar entre as ondas.

Fragmentos do Amar

Ver.

Existir.

E então amar.

Perder o que se tem,

Rir para esquecer,

Chorar porque dói.

Amar de novo,

E partir, quando é tarde demais.

Sofrer no silêncio,

Rir na memória,

Amar como se fosse eterno.

Perdoar o que ficou,

Crescer apesar da dor,

Aprender com os cacos,

Superar o que parecia insuperável.

E, no final,

Amar. Sempre amar.

Por Nada

Traí-me por tão pouco,
um sopro de vento,
um eco sem rosto.

Destruí-me no silêncio,
no peso do vazio,
no abismo que criei
com mãos que tremiam.

Por nada vendi minha alma,
uma moeda sem valor,
um desejo sem cor.

E agora, perdida em mim,
pergunto à sombra que restou:
vale tão pouco a essência,
ou é o nada que me consome?

Destruição tão doce,
traição tão amarga.
No fim, sou pó,
e o nada ri.

Renascer no Perdão

Por tempos culpei, no silêncio guardado,
O peso da dor que me foi legado.
Na figura materna, busquei a razão,
Por que o amor, às vezes, fere o coração?

Era fácil apontar, tão claro, tão rente,
A culpa dela parecia evidente.
Mas agora enxergo, em reflexo sereno,
Que ela, como eu, é parte do enredo terreno.

Recebeu da vida tão pouco a oferecer,
Fez o que pôde, sem muito saber.
E eu, na minha dor, não via o sentido,
Que somos espelhos, fragmentos feridos.

Sei que os danos não somem, não se desfazem,
Mas o olhar muda e as feridas se apaziguam.
Pois perdoar a ela é também me salvar,
É abrir espaço para a alma respirar.

Então deixo que o tempo me ensine a cura,
Na força do perdão, a luz se mistura.
E assim, como o rio que ao mar vai ceder,
Perdooo a mim mesma, para enfim renascer.

O Peso do Inominável

Entre o nome e o vazio, me perco,
na vastidão do sentir sem rótulo,
um mar que não se limita à borda,
que flui, sem começo, sem fim.

Não nomeio a dor, para não vivê-la,
prefiro o silêncio das palavras ausentes,
pois elas, ao serem ditas, reacendem
o fogo do que já deveria ser cinza.

Sinto apenas, sem saber de onde vem,
sem destino certo, sem moldura ou chão.
Será que assim me salvo da queda?
Ou apenas me deixo consumir pela imensidão?

Há uma liberdade em não saber,
um universo no não definir,
mas o peso do infinito me cerca,
e o alívio é também tormento.

Talvez seja na aceitação que respiro,
não no nome, nem na ausência dele,
mas no abraço ao sentir que é tudo,
que me salva, mesmo quando me consome.

Entre Flores e Sombras

O que me esconde a vida?
Ou será que sou eu
quem se oculta,
nas dobras do tempo,
nas sombras do medo?

Outrora, um campo florido,
a promessa de um céu aberto.
Depois, o silêncio,
a terra seca,
as mãos vazias.

Floresce e desabrocha,
mas também fenece.
A vida pulsa entre extremos,
morte e renascimento,
um ciclo que não cessa.

Será que busco o amor
ou ele me busca?
Talvez estejamos ambos perdidos,
tateando na penumbra
do que poderia ter sido.

E assim sigo,
entre flores que morrem
e outras que nascem,
tentando entender
se é o mundo que esconde,
ou eu que me escondo de mim.

Amor Guardado em Silêncio

Se Emily Dickinson me visse,
A amar em silêncio,
Seria com um sorriso sutil,
Reconhecendo em mim o mesmo segredo
Que ela guardou, com tanto amor,
E com tanto medo de mostrar.

Ela, que escondeu seu coração
Nos versos, entre os véus de palavras,
Nos ensinou que o amor,
Mesmo oculto, floresce em palavras não ditas,
Que os poemas, mesmo os mais secretos,
Têm um jeito de brilhar.

Eu, então, guardo os meus,
Em minha alma, como quem guarda um tesouro
E sei que eles não pertencem a ninguém,
Mas a mim, que sou a fonte
E o silêncio ao mesmo tempo.

Mas se cito Dickinson,
Será que meus versos também não merecem
Ser lidos por quem se perde neles?
Talvez eles precisem de alguém,
Como ela precisou,
Para tornar o amor visível
Mesmo quando ele permanece em segredo.

E, ainda assim, o mistério segue
Guardado no fundo do peito,
Onde cada palavra não dita
É uma chama que nunca se apaga.

Entre o Ficar e o Renascer

Minha psicóloga disse, um dia,
que eu morro aos poucos,
silenciosamente,
quando permaneço onde dói,
quando me prendo às escolhas
que ontem foram sonhos,
mas hoje são grilhões.

Morro um pouco, ela disse,
quando habito o passado,
nas feridas que não cicatrizam,
nas dores que fiz minha morada,
nos ecos das decisões
que não sei esquecer.

E percebo, agora,
que morrer assim é escolha,
um consentimento sutil,
um ceder ao peso do ontem.
Mas, talvez, viver também seja escolha,
um salto no escuro,
um partir do lugar que me fere
para algo que me cure.

Então, hoje, pergunto ao espelho:
se estou morrendo,
o que me impede de renascer?

Apatia

Apática ao tempo
Ao vento
Ao ser.

O que seria o termo apatia?
Deixar de viver?
Ah, não,
Isso é morrer.

Apatia é estar
Sem estar,
Sentir sem sentir,
Respirar por hábito,
Não por vontade.

É a sombra do agora,
Um eco abafado,
Um corpo que anda,
Mas sem nenhum fado.

É o peso do vazio
Que se faz companhia,
Uma pausa na alma,
Um dia sem dia.

Apatia é um passo
Que não busca caminho,
Um peito fechado,
Um mundo sozinho.

Mas talvez, quem sabe,
No breu desse nada,
Haja uma faísca,

Uma luz emboscada.

E ali, no silêncio,
Entre a dor e o cansaço,
A vida retome
Seu próprio compasso.

O Peso do Deixar Ir

E se eu deixar ir,
o caos que me envolve,
o medo que sufoca,
a dor que insiste,
a dúvida que cala?

Se eu me banhar de certezas
como rios que limpam a alma,
me vestir de esperança
como o céu veste as manhãs?

E se eu deixar o amor guiar
cada passo, cada respiro,
amando os dias que chegam
como dádivas sagradas,
como flores que desabrocham
mesmo na tormenta?

E se eu acolher a vida,
não como fardo,
mas como fogo que arde,
como luz que renasce
no espaço que o vazio deixou?

Deixar ir...
é renascer.
Deixar ir...
é viver.

No Labirinto de Mim

Há momentos em que me sinto distante,
uma estranha no espelho do mundo,
como se meu coração fosse terra estéril,
incapaz de florescer um segundo.

Sou um desencontro, um verso incompleto,
um silêncio que ecoa na multidão.
Mas, mesmo perdida, algo pulsa em mim:
a busca incansável de conexão.

Talvez a inadequação seja minha essência,
um labirinto que ninguém precisa decifrar,
pois, na solidão do meu próprio mistério,
há sementes prontas para brotar.

E quem sabe, um dia, no compasso do tempo,
encontre um toque que faça sentido,
uma mão que me alcance na escuridão
e me mostre que nunca estive perdida.

O Compasso da Vida

O compasso da vida dança incerto,
Um ritmo que ecoa no peito deserto.
Dor, a batida que insiste em pulsar,
A melodia que o tempo não quer calar.

Culpa, a nota grave, a corda tensa,
Que prende a alma em sua crença imensa.
Ecoa nos passos, no chão da memória,
Um lamento antigo, gravado na história.

Medo, o silêncio entre as notas do agora,
O sopro que gela, que esconde a aurora.
Um espectro que ronda, sombra que guia,
A dúvida amarga que entorpece o dia.

Receio, a pausa que freia a canção,
O intervalo da vida, a hesitação.
É o fio que oscila entre o sim e o não,
O compasso partido, a indecisão.

E o desprezo, dissonância cruel,
Um acorde amargo, um toque de fel.
É o vazio que ressoa em ecos vadios,
Uma nota perdida em abismos sombrios.

No compasso da vida, só resta vagar,
Por trilhas de sombras que insistem ficar.
Um ciclo sem fim, de peso e tormento,
A vida se escreve no próprio lamento.

Sem promessas de luz ou redenção,
A existência pulsa em vã repetição.
A melodia amarga que nunca silencia,

O compasso da vida é pura agonia.

Refúgio em Silêncio

De vez em quando eu penso,
no vazio que me faz refém,
o dia inteiro longe de casa,
e distante de quem sou também.

No estágio, horas escorrem,
meus pensamentos não têm vez,
à noite, exausta, me perco,
em sonhos que apagam o talvez.

Queria um instante no silêncio,
pra me escutar e respirar,
mas o cansaço pesa nos olhos,
e a alma cede a descansar.

Ficar sozinha me dói, eu sei,
mas às vezes é tudo que preciso,
um abrigo em mim mesma encontrar,
mesmo que seja breve, impreciso.

O Que de Mim Espero

Cair ainda em vida,
Sofrer ainda em vida,
Amar ainda em vida.
Que o vão se torne passado,
Que o amor, mesmo passageiro,
Não seja vão.
O gostar oculto,
E eu, que nem sei
O que de mim tenho requerido.

Vida

De mim, escolhi por tema a vida,
Obscura, em um poço sem fundo.
Eis aqui a sua lida,
Sem real importância no mundo.

Tentativas frustradas de amar,
Nada mais me satisfaz.
A falta fez meu mundo desabar,
E de amar não mais sou capaz.

Roubaram-me a essência
E o que da vida pude sentir.
O mundo e sua concupiscência ,
Com total veracidade não poderei transmitir.

Confesso -lhes que, na vida por um instante,
pensei que poderia ser feliz.
Mas tudo me pareceu tão distante,
Longe do que um dia eu quis.

E, pra retratar a vós de forma real,
Como a vida, do nada, recebe um fim,
Então posso eu,afinal,
Às minhas palavras pôr fim.

O Abraço do Vazio

Que talvez o universo esteja aberto para mim,
aberto para que eu possa amar,
sentir sem pressão,
querer algo que não seja em vão.
Amar, mesmo que em construção.

Quero amar, talvez, sem sofrer,
encontrar o que apague meu vazio.
Mas talvez o vazio seja da minha existência.
Ainda assim, acredito que o amor
reduziria essa ausência.

Onde o Amor se Espalha

O amor

Não tão longe, não tão perto,
ainda vagando por aí.

O amor que tenho em mim?
esse vale.

Nos livros que leio,
nos poemas que escrevo,
nas coisas que admiro,
no café que anseio sempre passar.

Nas pessoas a quem, às vezes,
sorrio sem pressa?
mas, claro, depende do dia.

Na lua, que observo atenta,
no céu, que contemplo serena,
nas estrelas, que me lembram
do vasto universo.

E o amor em mim
já transborda.

Convite ao Amor

Seu corpo me convida para mais,
Suas expressões me fazem rir,
Seu semblante me faz passar horas olhando você,
Como encontrei um lugar para existir.
Seus olhos brilham à noite,
ilumino os caminhos do meu amor.
Teus lábios, promessa de mensagem secreta,
Onde o ritmo se curva para não nos deter.
Seu toque é a brasa que arde em silêncio,
Desvendando o fogo do desejo.
E entre suspiros e palavras silenciosas,
Sou feliz prisioneiro do seu ensinamento.
Teu cheiro é uma brisa que intoxica a alma,
Um perfume que invade sem pedir.
Seu nome soa como uma melodia,
Que me envolve, me faz sorrir.
E quando você está ausente, ou o mundo escurece,
Assim as horas ficam vazias de coração.
É uma chama que arde, é um vento que sobe,
ó doze mistério do nosso amor.

O Amor e Seu Tempo

Amar apenas o alcançável,
sentir sem pressa,
admirar amando,
Caetanear o outro ser.

Cativar, amar, conhecer, cativar, amar, reconhecer, viver, ter... perder

A Beleza da Vida

A vida tão bela, um doce instante,
Tão leve, tão pura, tão cativante.
Perdura no brilho dos teus encantos,
Nos olhos que dançam em claros mantos.

No riso fino, melodia suave,
Como brisa que o tempo não apague.
És luz que fulgura sem se extinguir,
Razão de a vida tanto florir.

Ainda Me Escondo

Eu disse pra minha psicóloga
que eu não tinha nenhum plano ao amor ,
nem grandes paixões,
nem sonhos bonitos.

E ela respondeu que isso era óbvio,
porque eu ainda me protegia,
ainda temia sentir.

É tão solitário.

Acho que ainda estou escondida
atrás daquele adeus.

O Dilema de Ser e Existir

Se eu pudesse te dizer, diria em silêncio,
pois há verdades que não cabem em palavras,
há mundos inteiros presos no olhar,
ecos de mim que nunca soube expressar.

O outro lado? ah, como mostrá-lo?
Sou sombra e luz no mesmo instante,
sou querer e medo, sou ser errante,
sou tudo o que fui e o que deixei de ser.

Não quero prisões, nem mesmo as doces,
mas às vezes, oh, como quero ficar...
Ser por inteira, sem medo, sem posse,
existir sem precisar me explicar.

E assim me encontro nesse abismo,
entre o querer, o ter e o partir,
navegando sem bússola entre os sentidos,
sendo e não sendo, apenas a existir.

Inteira

Se eu deixasse as dores caírem
como folhas secas ao vento,
se eu soltasse as amarras
dos caminhos que já não são meus,
seria eu menos do que fui?
Ou talvez mais do que sou?
Se eu largasse as distâncias
que só me afastam de mim,
se eu dissesse adeus ao que pesa,
ao que fere, ao que quebra,
seria eu só fragmento?
Ou enfim inteira?
A vida pede que sigamos,
mas nem todo passo é avanço,
e nem todo fardo é destino.
Se abandonar o que me parte
me faz perder um pedaço,
então talvez esse pedaço
nunca tenha sido meu.

Caminhos do Destino

Sinto a vida a me prender,
como se o tempo insistisse em não correr.
Mas talvez seja um aviso sutil,
um chamado para me perceber.

O que faço já não me preenche,
há algo em mim a transbordar.
Minha alma anseia, minha essência sente,
que há mais para eu alcançar.

Escuto o vento, sigo a brisa,
há um novo rumo a me chamar.
O desconhecido em mim precisa,
e é hora de me entregar.

Preciso confiar no pulso do destino,
na intuição que me conduz.
Seguir o caminho, seguir o brilho,
e deixar a vida me levar.

Entre o Ficar e o Partir

Talvez o grande erro seja segurar
o que já se soltou de nós.
O que se foi, se foi.
Mas ainda assim, voltamos,
reviramos as cinzas,
procuramos brasas
onde só resta pó.

Tomar uma decisão é difícil,
mas carregar o peso dela
é o que nos dobra os ombros.
Não saber deixar ir
é acorrentar-se ao que dói,
é chamar de lar
o que já não nos abriga.

E ainda assim, ficamos.
Seja por medo,
seja por repulsa,
seja por não saber onde termina o caminho
ou onde começa a liberdade.

Amor e Ausência

Tive-te em mãos, feito brisa,
leve, fugaz?mas era meu.
Perder-te foi como o vento
desfazendo um sonho ao breu.

O amor partiu sem despedida,
mas ficou no que sou agora:
metade luz, metade sombra,
um adeus que nunca vai embora.

Inércia do Ser

O tempo escorre, mas não o sinto,
é um rio parado, sem corrente, sem destino.
A vida desfalece em tons desbotados,
sem pressa, sem brilho, sem laços atados.

O ser se dilui no espaço imutável,
um eco disperso, um vulto insondável.
O afago se perde na ausência de cor,
um toque esquecido, um sopro sem dor.

Talvez precise aceitar essa maresia,
um nada que pesa, que prende, que esfria.
Mas há sombras que quero soltar de mim,
raízes que sufocam, que ferem sem fim.

Se perto me perco, distante me acho?
Ou apenas me torno um rastro sem traço?
Que se vão as âncoras, que se vá o sofrer?
quero ser leve, ainda sem saber como ser.

O Peso de Ser Forte

No tempo que corre, não houve um instante
para ser leve, para ser brilhante.
A vida exigiu que eu fosse muralha,
enquanto a alegria morria na falha.

Fiz-me de rocha, vesti-me de aço,
ergui minha guerra em cada passo.
Mas dentro do peito, um sopro esquecido
sussurrava um riso, um sonho perdido.

Ser forte demais tem um preço a cobrar:
carregar tempestades, sem se molhar.
E quando a alma, num fio, recorda
que a vida é mais que batalha e corda,

Descubro, entre as sombras, um medo a ruir:
a força me fez resistir...
mas nunca me ensinou a apenas sentir.

Somos Instantes

Somos vento, sopro leve,
somos sombras a passar,
somos riso, somos pranto,
somos nada a se formar.

O agora já se esvai,
feito areia entre os dedos,
o que temos? Quem nos somos?
Se até o tempo é segredo.

O amor chega e se perde,
a dor nasce e se desfaz,
e no ciclo dos instantes,
tudo é pouco, tudo é mais.

Não há ter, só há ser,
por um tempo, por um dia,
somos rastros, ecos breves,
somos pó... e poesia.

Órbita do Teu Olhar

Talvez teus olhos me tirem do centro,
como se o cosmos girasse em encanto,
mudando as órbitas, o tempo e o vento,
num simples segundo do teu acalanto.

Desse universo, me torno perdida,
sem gravidade, sem chão, sem medida,
mas no teu riso, renasce o sentido,
estrela-guia que me dá a vida.

Desse instante, sou luz e sou dança,
sou mar e sou brisa, sou sol reluzente,
pois no reflexo do teu contentamento,
sou todo o céu num olhar envolvente.

No Limite de Mim

Não sei onde errei,
talvez em tantos lugares
que já nem reconheço as marcas.

O perdão me chama,
mas hesito ?
será que o mereço?

As palavras se perdem,
os passos tropeçam,
o tempo corre sem rumo,
me cercando como um véu
até que, enfim, eu caia.

E se cair for recomeço?
E se o erro for só um ciclo
que pede, em silêncio,
para ser perdoado?

Mitos Sobre o Amor

Não sei se mitos sobre o amor são reais...
Se é laço que prende ou vento que passa,
se é chama que aquece ou fogo que queima,
se nasce eterno ou se fenece na farsa.

Dizem que dura, dizem que finda,
que é doce veneno ou pura ilusão,
que é âncora firme ou mar que afunda,
que é um acaso ou uma missão.

Se é só um mito, por que persiste?
Se é tão real, por que desfaz?
Se é tão forte, por que machuca?
Se é tão frágil, por que é voraz?

Não sei se mitos sobre o amor são reais...
Ou se o real é só um mito a mais.

Metamorfose Interrompida

Quisera eu, como a borboleta,
Ser crisálida e esperar
Que o tempo me vestisse em cores,
Que a vida me ensinasse a voar.
Mas meu casulo é feito de medo,
De ausências que não escolhi,
De portas trancadas no peito,
De laços que nunca vivi.
Se um dia eu amar, terei que esconder,
Se um dia eu sonhar, será só pra mim.
Minha história não cabe na mesa,
Nos risos que um dia chamei de jardim.
Os aniversários, os almoços,
São quadros que não me incluem.
E se um dia eu tiver uma casa,
Ela nunca verá de onde eu fui.
Metamorfose interrompida,
Asas que não podem abrir.
Pois voar requer horizonte,
E o meu nunca esteve aqui.

O Silêncio Que Fala

Hoje tentei ouvir a voz do que sou,
mente e coração em dança ou disputa,
se em laços de seda ou fios de dor,
se em versos de paz ou notas abruptas.

Perguntei ao peito, mas ele calou,
olhei para a mente, vazia de trilhas,
se uniam num eco ou brigavam em vão?
Nada respondiam, segui sem partilhas.

Então me fechei, me fiz esquecimento,
neguei cada grito, cada intenção,
e o som da dúvida, num só momento,
fez-se poeira, fez-se ilusão.

E sumiu... como brisa perdida,
como rastro de sol em mar cinzento,
talvez minha alma já tenha a saída,
mas cala em segredo, guardando o vento.

Tempestade Dentro e Fora

Os pingos caíram, tímidos, dispersos,
até que se tornaram correnteza, bravio verso.
Fora, o vento uivava sem trégua, sem fim,
dentro, ele fazia morada em mim.

O mundo desaguava em fúria e trovão,
será que era o céu ou meu próprio coração?
Há de se ter coragem para encarar o torpor,
saber quando parar, respeitar o temor.

Mas eis que surge, em meio ao vendaval,
alguém que encoraja, que estende um sinal,
que espera comigo, que diz sem temer:
"A tempestade é forte, mas logo há de ceder."

E assim seguimos, molhadas, inteiras,
desbravando os restos da chuva primeira,
até que, ao destino, o vento nos leve,
e cada uma parta, sabendo-se leve.

A Beleza do Vazio

Ah, a calma dentro de si,
tão esperada, tão bem-vinda,
tão linda, tão doce,
como brisa que afaga a alma.

É a beleza de ser inteiro,
e também de não ser nada,
de flutuar entre o tudo e o nada,
sem pressa, sem peso, sem medo.

Um instante que se desfaz e se refaz,
como um suspiro entre dois silêncios,
leve, etéreo, infinito,
onde a paz se encontra consigo.

Antes Que Tudo Termine

O amor me assusta,
as pessoas me assustam.
Imagina criar uma filha,
amar, cuidar,
vê-la crescer sem feridas,
ser orgulho, ser doçura,
ser tudo o que um dia sonharam.
Uma menina exemplar,
sem queixas, sem sombras,
buscando um futuro,
querendo apenas ser boa.
E então, de repente,
ser o desgosto.
Ser a vergonha,
o desprezo no olhar de quem antes sorria.
Tudo porque amo.
Tudo porque meu amor veste o nome de mulher.
O que sou agora,
o que eles veem agora,
não vai durar.
Assim que descobrirem,
será o fim.
E por enquanto,
enquanto ainda sou "boa",
eu aproveito.
Antes que tudo termine.

O Vazio do Querer

A verdade é que, às vezes,
desejo pausar o tempo,
ser apática com o mundo
e comigo mesma, sem lamento.

Mas de nada adianta
sentir o peso de ser sensível,
quando os outros se perdem
num caos tão inconsequente e impossível.

Queria, por um breve instante,
mergulhar no próprio sentir,
desfrutar de cada emoção
sem culpa, sem medo de fugir.

Ansiava por inúmeras cores,
por sonhos que me façam vibrar,
mas me vejo entre a sede do querer
e o vazio de não ter.

Qual seria o fruto
dessa busca por ser inteira?
Entre a apatia e o sentir,
procuro encontrar minha bandeira.

Tudo se Vai

Amar é dor,
disso eu não duvido.
Seja qual for o amor,
sempre deixa feridas,
sempre se perde no tempo.

Tudo se vai, nada fica.
Amores partem,
pessoas somem,
ninguém permanece.
E um dia, sem aviso,
até nós nos esvaímos.

Mas a vida é isso:
um ciclo de chegadas e despedidas,
um caminho que trilhamos sozinhos,
até a hora da partida.

Passagem

Escrevo como quem precisa viver,
como se as palavras fossem asas
e a tinta, o sangue que pulsa em mim.

Liberto os pensamentos,
desato os nós do que pesa,
deixo que voem, que partam,
pois nunca foram meus para sempre.

São apenas brisas de passagem,
sussurros que o vento leva,
ecos que dançam na pele da alma
e se dissolvem no tempo.

O Fluxo da Vida

O Universo talvez se alinhe,
se alinhe e tudo se perca,
ou talvez se acerte.
Espero por mim,
que se acerte.

Essa é a beleza da vida:
esperar que a vida se ajeite,
que a mente se acalme,
que as noites se demorem.

Que a gratidão aumente,
que a dor se vá,
que os amigos reais fiquem
e os que não são, se vão.

Deixar sempre que vá,
esse é o segredo.
Deixar o que não te pertence ir,
mesmo que doa.

Um Amor Que Chega

Às vezes, sinto que sou só vento,
soprando em ruas onde ninguém escuta,
onde meus versos caem no tempo
e se perdem na noite impura.

Busco um olhar que me leia sem pressa,
que entenda os silêncios que trago no peito,
mas o mundo corre e me atravessa,
e o amor parece sempre um conceito.

Será que existe alguém que enxergue
as entrelinhas do que sou?
Que veja beleza na minha entrega
e saiba dançar onde a vida parou?

Mas o amor, esse viajante sem rumo,
chega quando menos espero,
em um toque simples, um gesto mudo,
no brilho de um olhar sincero.

Então sigo, sem pressa, sem medo,
porque sei que, em algum momento,
alguém virá e, sem dizer uma palavra,
será meu lar no movimento do vento.

Ela, Meu Lar

Ela virá como brisa mansa,
com olhar que entende sem perguntar,
lerá meus versos nas entrelinhas,
sentirá o que não sei expressar.

Será forte como a terra antiga,
mas doce como a chuva ao cair,
saberá escutar minhas pausas,
e nelas, seu mundo irá florir.

Não será apenas passos ao lado,
mas dança, entrega e imensidão,
abraçando meu caos e calma,
tecendo amor com precisão.

Nos dias pesados, será refúgio,
nos leves, riso e sol a brilhar,
e num simples toque dos dedos,
saberei que enfim achei meu lar.

O Peso do Viver

Que caminho difícil é a vida,
o correr dos dias, das noites,
sentir o mundo desabar
e, depois, ter que levantar.

Perder pessoas,
não querer outras de volta,
se isolar,
sair apenas para cumprir
as obrigações da vida
e voltar para a solidão.

É... o viver é difícil.

Mulheres, Eternas Guerreiras

Às que sempre encontram forças para vencer,
Mesmo quando a história as quis esquecer.
Que sofreram sem ter um direito sequer,
E, quando o conquistam, tentam lhes deter.

A luta é por algo tão simples, tão puro,
Básico à vida, mas nos tiram no escuro.
Que nunca nos falte coragem e brio,
Que a voz ecoe, que cesse o frio.

Desejo vigor para os dias pesados,
Proteção constante nos tempos nublados.
E que o amor transborde, sem hesitação,
Que sejamos vistas com real devoção.

Às mulheres que fazem meu mundo brilhar,
Minha irmã, minha mãe, meu eterno lar.
E àquela que um dia hei de encontrar,
Guardo tesouros, prontos a entregar.

Que vivamos o oito de março inteiro,
Não só num dia, mas o tempo inteiro.
Pois ser mulher é ser chama acesa,
Força, ternura e natureza.

O Jeito é Ser

Como diz Clarice:

"Já que sou, o jeito é ser."

Mas do que será que trata?

Do jeito de viver a vida?

Ou será que fala de seguir,

apesar dos não,

das dores,

dos desencantos?

Seguir e ser,

mesmo quando a tristeza pesa,

quando o mundo nega,

quando o caminho fere.

Ser,

simplesmente ser,

porque a vida não espera.

Jogo Vazio

Tentou pintar-se de vítima,
como quem enredou a si mesma em teias de dor,
usando as palavras como cordas,
prontas para puxar, para fazer ceder.
Mas o que é o vitimismo senão um teatro vazio?
Onde a plateia já não se impressiona
e o enredo cansa, se desfazendo
nas mãos de quem não se deixa mais enganar.
Te falei o que era necessário,
com a mesma leveza que o vento corta,
sem me perder no enredo, sem cair no jogo.
Porque, no fim, é a tua manipulação que morre
quando não encontra eco em quem se conhece.
Eu sigo em paz, sem mais palavras,
sem mais tentativas de salvar o que não se pode.
E você, agora, ficará com seu palco vazio,
sem público, sem roteiro, sem aplausos.

Teus Olhos, Meu Lar

Hoje, ao cair da noite,
estive pensando em você.
Em você, mulher, que habitará meu coração.
Te idealizei antes mesmo de tua chegada.

Imagino teus olhos sorridentes,
mas não digo ainda a cor deles?
para que não fiques com ciúmes.

Te vejo em silêncio, como quem espera o amor.
Não sei das tuas dores passadas,
nem das de agora,
nem onde estás neste instante.
Talvez lendo um romance,
ou qualquer livro que te encante.

Leremos juntas,
sonharemos juntas,
e amaremos juntas.
Mas, no fim,
o que mais anseio
é olhar dentro dos teus olhos
e me sentir em casa.

Passos Limpos

Não calces sapatos que não te sirvam,
não forces passos onde o caminho estreita,
que a vida pede medida justa?
proporção de corpo e espírito.

E se teus pés tocarem o passado,
não deixes que a poeira te prenda,
limpa-os com a leveza de quem sabe
que recordar não é carregar.

As amizades vividas, as guarde,
aceite que talvez tenham seu fim,
mas que tu permaneças sempre atenta
ao que fica e ao que se vai.

Segue adiante sem peso morto,
sem o eco de dores gastas,
pois cada passo bem dado
é um convite ao recomeço.

Entre o sentir e o aceitar

Eu sempre fui a amiga do:
"Está tudo bem, eu entendo."
"Essas coisas acontecem."
Nunca fui a que dizia
o que me machucava ou machucou.

Talvez porque expressar
não mudaria nada.
Um pedido de desculpas
não apaga os fatos,
não desfaz a dor.

Ou talvez,
nunca coloquei meus sentimentos
à frente de tudo.
Já nem sei...
O que escrever? O que fazer?

Mas sei que, aos poucos,
apenas concordo,
apenas deixo ir.
Sem sentir como antes sentia,
apenas aceitando
que nem sempre o controle
e o sentir
permanecem em mim.

Inteiramente Eu.

Conheço uma frase que diz: 'Sê inteiramente teu, mantém-te responsável e fiel a ti em toda instância.'

E ela tem ecoado em minha mente.

Ser inteiramente eu, quando todos os dias descobro quem sou.

Sigo em construção.

Acho que, com isso, vou aprendendo a me aceitar?tanto as partes que gosto quanto as que ainda estou aprendendo a gostar.

Não sou inteiramente perfeita, ninguém é.

Mas tento ser, acima de tudo, inteiramente eu.

Tudo Passa

A vida, feliz ou não, permanece.
Os dias, por mais difíceis, passam.
Os dias bons também se findam.
A paz, mesmo duradoura, se vai.
As dores, por mais sufocantes, cessam.
O amor, que promete ser real, parte.
O que é verdadeiro, chega.
Afinal, tudo passa.
Crescemos sabendo que a vida é breve,
mas nos prendemos a ela,
sabendo que, a qualquer momento,
ela parte.

Se não fosse eu

Se não fossem as malas cheias de tempos,
os ventos varrendo segredos no chão,
se não fosse a sombra de antigos lamentos,
eu não carregava essa imensidão.

Se não fossem grades que moldam os passos,
se a infância dançasse em braços de luz,
se o erro não fosse um risco no espaço,
seria um esboço que o tempo seduz.

Se sou desalento aos olhos do mundo,
sou rio que insiste em tocar o mar,
trago nos versos o tom mais profundo
daquilo que a vida não quis apagar.

Se não fossem ais que ecoam no peito,
se a dor não bordasse a pele em um rito,
se a vida não fosse um livro desfeito,
onde cada palavra ressoa em um grito.

Se não fosse Deus, o grande escritor,
que sopra os destinos na palma do vento,
se não fossem os ursos, as tardes de cor,
eu não navegava em meu próprio tempo.

Mas sou essa agora, de mares abertos,
feito tempestade sem medo de ir,
se não fosse a vida em todos os versos,
talvez fosse alguém que não soube sentir.

O Eterno que se Desfaz

Acho lindo a forma como a vida é,
os amores que parecem eternos,
os sentimentos que se fazem eternos,
as certezas óbvias,
os "sim" sempre à mostra.

Mas tudo se torna nada
quando o tempo passa,
quando a vida muda de tom.

O que era firme se desfaz,
o que era destino se perde,
o que era para sempre se dissolve,
como se nunca tivesse sido.

E o que sobra?
Talvez só o eco do que foi,
talvez só a sombra do que marcou,
ou talvez nada?
e ainda assim, tudo.

Fluir, Sem se Perder

É deixar a vida seguir seus fluxos,
as pessoas partirem,
e ainda assim, estar em paz.
É não precisar segurar tudo,
não buscar o controle sobre todos,
porque a vida acontece,
e nem tudo cabe em nossas mãos.
É aceitar o movimento,
mas sem se perder nele.
Saber onde pisa,
até onde pode ir,
o que te faz bem
e o que é melhor deixar passar.
Não é apenas permitir,
é compreender.
Não é apenas sentir,
é transformar.
Porque maturidade não é endurecer,
é fluir com consciência,
com leveza,
e com escolhas que sejam suas.

Cansaço

Se hoje eu pudesse,
pararia.

Descansaria.

Cairia em um sono profundo,
deixaria a noite se estender.

Silenciaria meus pensamentos,
seria livre,
mesmo que por um instante.

Despedida que Fica

O choro talvez bata na porta hoje
Despedidas serão feitas
Abraços serão dados
Promessas serão feitas
Tristezas se revelarão
A liberdade baterá na porta

E no eco das risadas que ficam
Os passos seguirão novos rumos
Olhares dirão o que as palavras calam
E o tempo, esse guardião de lembranças,
Tecerá com afeto o que foi vivido

O adeus se veste de até breve
Pois quem planta cuidado e carinho
Nunca parte por completo
Fica nas histórias contadas,
Nos gestos aprendidos,
Nos corações que soube tocar.

O Refúgio Sou Eu

Seu eu pudesse te encontrar agora,
Te abraçaria com intensidade.
Seria teu colo, abrigo e firmeza,
Seria teu porto seguro.

Tu serias ouvida,
Amada, protegida.
Não conseguiria falar nada,
Mas não se preocupe, eu te abraçaria.

Se eu pudesse

Ah, se eu pudesse visitar o futuro,
saber se os passos que hoje dou
me levam ao destino que tanto sonhei.
Se alcancei o emprego dos sonhos,
se me tornei tudo o que desejei.

Se comprei o carro, a casa,
se realizei os sonhos de menina,
se o sorriso do amanhã
carrega a leveza de uma alma feliz.

E se tudo tivesse dado errado?
Se o caminho se partisse em espinhos?
Reveria as escolhas de agora,
buscaria no presente
as razões do que se perdeu.

Se eu pudesse revisitar o passado,
teria amado mais a mim mesma,
me desprendido mais cedo das dores,
das amarras, das feridas caladas.
Teria sido mais brisa, menos tempestade.

Mas... nem tudo foram erros,
também fiz escolhas boas.
E no mosaico de acertos e tropeços,
me construí.

Não estou onde imaginei,
mas me aproximo, passo a passo,
de quem desejo ser.
E todo dia aprendo,
mesmo entre quedas e recomeços,

a me tornar
o meu próprio sonho.

Verdadeira ?

Verdadeira?

Estive ausente esses dias,
e me peguei pensando:
sou, de fato, verdadeira?
Verdadeira nas decisões,
nas amizades,
no que sou?

Me pergunto isso porque
todos os meus amigos se vão.
Chega um tempo... e tudo parte.
Meus sentimentos por eles se desfazem,
mas o gostar ? esse fica.
Talvez porque percebo
uma certa falta de consideração...
e aí tudo vai se esvaindo, aos poucos.

E então penso:
sou verdadeira por isso?
Porque eles não ficam?
Ou talvez...
isso seja só a vida?

Sobre Expectativas

Expectativas são caminhos desenhados
por mãos ansiosas,
em mapas que só existem
dentro da gente.

Elas nascem do desejo
de controlar o imprevisível,
de vestir o mundo
com as cores que queremos ver.

Mas o outro ?
seja quem for ?
não veio ao mundo
para cumprir o papel
que escrevemos em silêncio.

É injusto cobrar que o real
se curve às nossas idealizações.

A frustração, então,
não mora na falta do outro,
mas na fantasia
que criamos sobre ele.

Talvez o segredo esteja
em aprender a observar,
em deixar que as coisas
sejam como são,
e ainda assim, encontrar beleza.

Não é carência, é ternura

Seria errado idealizar a vontade de ter um amor?

Mas... não é uma vontade constante.

Ela só surge quando lembro
que queria escrever cartas para alguém,
quando vejo flores,
quando imagino como seria lindo essa troca.

Não é carência ? é ternura.

É o desejo quieto de cuidar de algo que floresça junto.

É o pensamento vagando leve,
numa dança entre o que sinto
e o que talvez um dia venha a ser.

Às vezes, é só vontade de partilhar o silêncio,
de dividir o mundo em dois cafés quentes
e bilhetes deixados na mesa.

Outras vezes, é só poesia
querendo um corpo pra habitar.

E tudo bem.

Porque amar, mesmo em pensamento,
também é um jeito bonito de existir.

Enquanto não chega

Te invento em tardes lentas, distraídas,
nos intervalos entre o céu e um verso,
no silêncio que mora entre as linhas
e no calor de um sol que já não peço.
Não sei teu nome, nem teu rosto exato,
mas te sonho como quem já te viveu.
És o perfume breve de um retrato
que o tempo guarda ? e nunca se perdeu.
Falo contigo no meu pensamento,
escrevo cartas pra um destino incerto.
E deixo espaço ao lado do momento
pra quando, enfim, me fores perto.
Te espero sem pressa, nem promessa,
como quem sente ? e não questiona ?
que há amores que nascem na ausência
e florescem mesmo sem pessoa.

Arder e Ser

Perdoar é se libertar da prisão que nunca foi sua.

Amar é incendiar-se sem medo de virar cinza.

Ser é rasgar a pele e ainda assim dançar.

Estar é escolher, a cada instante, não fugir.

Esperar é um ato de fé,

não de desespero ?

o que é teu chega sem pressa,

mas nunca tarde.

Viver não é colecionar vitórias,

é aceitar as quedas sem pedir desculpas.

É sentir tudo:

o amor, o medo, a raiva, a ternura ?

até que tudo vibre dentro de você

como um único sopro de vida.

Sem amarras.

Sem arrependimentos.

Só a coragem crua

de existir.

Quando a vida aperta

Quando o correr da vida aperta
e o mundo parece tropeçar nos meus passos,
eu caminho com pressa,
segurando o choro na beira dos cílios,
como quem segura o céu para não desabar.

Sinto tudo.

Sinto nada.

Sou um mar em tempestade contida,
um eco de mim vagando por entre obrigações
que não esperam meu fôlego.

As responsabilidades me olham com olhos duros,
me cobram presença, resposta, maturidade ?
mas meu peito só clama por um abrigo
onde eu possa chorar sem pressa,
sem plateia, sem medo.

Quero chegar em casa
e me desfazer das armaduras,
ser carne, ser lágrima, ser silêncio.

Quero apenas ser.

Sem precisar ter.

Sem precisar vencer.

Porque às vezes,
sobreviver já é o maior dos poemas.

Do papel ao peito

Sigo ansiosa, coração em vigília,
como quem espera o verão depois da última flor.
Te escrevi em madrugadas e silêncios,
em papéis que o tempo quase levou.

Desenhei teu sorriso em cada estrofe,
pintei tua ausência com tinta de saudade.
Cada poema, um passo na direção do invisível ?
um sussurro meu, buscando tua verdade.

E agora, num instante bordado de calma,
quando a esperança já parecia dormida,
te encontro.
Como quem reconhece um trecho da própria alma
no meio de outra vida.

Depois de te escrever em tantos poemas,
finalmente te encontrei.
E cada verso perdido faz sentido,
desde que te achei.

Te vi ? e era como se o tempo, distraído,
tivesse parado só pra nós duas.
Te ouvi ? e tua voz era o eco antigo
das canções que eu inventava depois.

Depois do depois, te tornaste agora,
morada mansa da minha espera.
Não és só sonho, és aurora:
chegaste no fim da quimera.

E eu, que bordava teus traços no vento,
agora desenho com os dedos tua pele.

És poema, presença, alento,
és a calma onde a alma se revele.

O Abismo Que Não Sei Nomear

Há um grito preso em minha garganta,
feito eco que nunca encontra parede.
Não sei dizer o que me devasta,
e nem sei se quero que alguém entenda.

Dentro de mim, um labirinto sem mapa,
cujos muros são feitos de névoa e dor.
Tento explicar ? mas as palavras fogem,
como sombras que não suportam a luz.

É um silêncio que grita sem som,
um vazio cheio de peso e forma.
Nem eu compreendo o que me consome,
só sei que me tornei estrangeira de mim.

Não peço que entendas o que sou,
porque nem eu consigo me traduzir.
Sou um enigma aos meus próprios olhos,
uma metamorfose que ninguém viu surgir.

Ela e o Medo de Nadar

Tenho medo de nadar.
Do frio que sobe pelas pernas,
do fundo que não vejo,
de não saber voltar.

Tenho medo de entrar ?
em mim, nela,
no risco de ser vista com outros olhos,
de parecer querer
o que talvez nem sei...
mas sinto.

Assusta o afundar.
O mergulho no desconhecido,
o silêncio depois da mensagem,
o eco de um "oi" não respondido
ou respondido demais.

Assusta ser notada tentando,
frágil demais para esconder
que talvez eu só queira...
ela.

E se ela for só mais uma menina bonita e gentil
que confundi com algo além?
E se eu estiver me afogando
num mar que é só meu?

Talvez seja isso:
estou na margem,
presa entre dois abismos ?
o das águas
e o das palavras.

Mas eu quero, no fundo,
flutuar.

Quero coragem para ir além,
para nadar sem medo,
para enviar sem tremer,
para não me perder de mim.

E que, aconteça o que for,
ela more em mim
não como peso,
mas como luz.

Como a luz que dança sobre a água
quando o medo começa a passar.

Beira d'água

Enfim, criei coragem para mandar,
depois de horas olhando pela beira da água.
Criei coragem para molhar os pés.
Existente, claro,
temendo o próximo passo incerto ?
sem saber se tropeçaria ou seguiria.

Enfim,
foi uma coisa leve de ser:
uma conversa normal,
simples, objetiva,
uma troca que se estendeu até o hoje
e assim foi encerrada.

Talvez eu deva sair
antes que eu própria me afunde
com a água ainda no raso.
Talvez eu nem deveria ter entrado.

Se Ela amar poesias

Acho que a cada dia o universo me traz uma resposta sutil.

Uma notícia boa,
uma calma breve,
um dia tranquilo ?
prenúncio do caos.

Hoje,
descobri que talvez o amor more onde eu imaginei.
Que ela... gosta do mesmo que eu.

Ela curte MPB,
e eu também me perco nas letras de Gal, de Tim.
Ela corre,
e eu também deixo o coração acelerar ao pôr do sol.

Talvez a vida preste,
eu diria.
Com emoções que doem e brilham ao mesmo tempo.

Agora,
só me resta o mais importante:
saber se ela ama poesias...
como quem ama segredos ditos em silêncio.

Mas eu nem sei por que isso acontece,
nem sei o que fazer com essa alegria que assusta.
No fim,
eu sempre me saboto.

Encontrei (ou quase)

? Qual seu tipo?

Me perguntam.

E eu sorrio pequeno,
como quem não sabe...
ou não quer dizer.

Tem uns detalhes, sim.

Uns gestos, uns silêncios que me chamam.

Mas já vi tudo isso em alguém
e não senti nada.

Porque meu tipo

não se veste de carne.

Não mora em aparência.

É um susto calmo no peito,
um olhar que atravessa
sem pedir licença.

Meu tipo é o instante

em que tudo em mim se levanta e diz:

"É ela."

"É agora."

"Encontrei."

Mas, num canto fundo de mim,

também ecoa ?

baixo, mas firme:

"Isso é impossível."

Curta Ilusão

Achei que era chama, mas era brisa,
um sopro leve que o tempo levou.
Confundi o brilho com promessa,
mas era só espelho do que sonhou.

Admirei demais, desejei demais,
e vesti de amor o que era distração.
Talvez, no fundo, bastasse um não,
mas eu escolhi crer na exceção.

A demora falou antes da resposta,
e quando enfim chegou, já era tarde.
Agora sei: foi só ilusão exposta,
que se desfez ? sem dor, sem alarde.

Mas fica a certeza no peito cansado:
não era amor... só um encanto emprestado.

Entre Possibilidades

E se ela não sumiu,
só demorou o que eu demorei?
Se o silêncio foi só espelho
da ausência que eu também deixei?

Penso nisso...
e me perco nessas frestas
entre o que foi
e o que talvez fosse.

Talvez não tenha sido ilusão,
só desencontro de tempo,
orgulho velado,
ou um medo disfarçado de desinteresse.

Nem tudo precisa nascer de sentimentos ?
às vezes é só a vida,
o tempo que escapa,
os afazeres que nos consomem
sem pedir licença.

Mas quem vive de talvez
anda sempre em círculos ?
e eu tenho andado tanto...

Me perdoo por sentir,
me perdoo por esperar,
e, sobretudo,
por ainda me perder
nas possibilidades.

No fim, parece que só procuro
motivos para desistir,

quando talvez tudo que existe
seja apenas o silêncio...
e o tempo.

O amor, de longe

Vi nela um quê de poesia,
daquelas que a gente lê e suspira,
mas não entende direito o porquê ?
só sente, e admira.

Trocamos poucas palavras,
mas bastou para o encanto acender.
Ela, tão serena e alheia,
e eu, sem saber o que dizer.

Não foi amor, nem começo de nada,
só um desejo calado e gentil.
Um pensamento bonito, passageiro,
que surgiu e seguiu seu perfil.

Eu gosto do amor nos poemas,
nas canções e no toque alheio.
Mas quando olho pra mim, sorrio triste:
parece que o amor é sempre um devaneio.

Ele chega nas páginas que leio,
nos filmes, nos outros, no ar...
Mas quando tento vivê-lo, de fato,
é como tentar o vento segurar.

Hoje, eu

Hoje acordei com canções no peito,
"Sujeito de sorte", "Metamorfose ambulante" ?
e pela primeira vez,
não me importei com o depois.

Não senti o vazio que às vezes ronda,
nem a dúvida cruel do caminho errado,
nem a dor de não pertencer,
ou de não sentir.
Hoje, não.

Hoje fui inteira, tranquila,
presente no agora,
aberta ao que fui,
acolhendo o que sou.

Não contei as metamorfoses,
não enumerei as dores,
só senti o alento calmo
de viver quem me tornei.

Os sonhos que florescem,
os planos que ganham corpo,
o amor por mim ?
silencioso, mas constante.

Percebi a leveza de deixar pra trás
o que já não pesa,
o que já não é.
As pessoas que foram,
os vazios que deixaram,
não importam mais.

Hoje sei quem fica.
A família que pulsa,
os cinco ou seis que me amam de verdade ?
ah, esses importam.
E como importam.

Hoje abraço a nova que sou,
com seus risos sem razão,
com o sorriso bobo ao abrir os olhos,
com a paz de quem se reconhece.

Hoje, eu.
Simples assim.
Presente. Inteira.
Feliz.

Eu Amo o Fato de Poder Viver

Se eu acordei hoje,
Se estou escrevendo agora,
É porque venci a batalha ?
Dos dias anteriores,
Dos anos que doeram,
Das dores que quase me calaram.

Achei, por muito tempo,
Que era impossível ser feliz.
Sozinha,
Ou mesmo acompanhada.

Mas ontem ?
Ontem eu soube.
Eu senti.
Eu sou feliz.
Com os outros,
E principalmente comigo.

Ah, quão agraciada eu sou
Por viver,
Por ter,
Por ser.
Por amar,
E ser amada.

Os dias difíceis se dissolvem
Na alegria silenciosa da vida.
Eles não me ferem mais ?
Eles somam.
Eles acrescentam.

Quanta sorte eu tenho

Em rir, depois de tantos choros.
Em permanecer,
Depois de tanto cansar de ser.

Ah...
Eu amo o fato
De poder viver.

O susto de merecer

eu quero sentir menos medo
das coisas que me pertencem,
mas que eu tremo só de tocar.
do amor que não parte,
das conquistas que não cobram,
das alegrias que não pedem licença.

me assusta conquistar
e não saber onde colocar.
me assusta ser escolhida
sem precisar correr.

há um lugar me esperando ?
e eu paro na porta
com o velho hábito
de não entrar.

tenho medo do que é inteiro,
porque aprendi a viver com metades.
me acostumei com a espera,
e agora não sei o que fazer
quando é minha vez.

às vezes, paro diante do que sonhei
como se fosse engano.
fico sem jeito de ser feliz,
como se fosse demais.

quero merecer sem me justificar,
quero viver sem me encolher,
quero sorrir e não olhar pro lado
procurando o erro que ainda não veio.

quero, enfim, viver o que é pra mim
sem medo de perder,
sem medo de ficar,
sem medo de ser.

Exausta, mas capaz

O cansaço bate à porta sem pedir licença.
E eu ? estranha em mim mesma ?
mal me reconheço entre textos sublinhados e ideias embaralhadas.
Afundo em incertezas,
não só sobre o que vai cair na prova,
mas sobre o que anda caindo sobre mim.

O mundo lá fora gira, barulhento, urgente.
Aqui dentro, um silêncio pesado, quase sólido,
me chama pra dentro ?
pra um lugar onde a mente se perde em teorias, autores, discursos,
mas o coração só pede descanso.

Às vezes, dá vontade de largar tudo,
virar planta, nuvem, travesseiro.
Mas eu sigo.
Porque entre um suspiro e outro,
sei que é só mais uma semana.
E eu ? mesmo exausta ? sigo sendo capaz.

Achei que doeria

Achei que me abalaria,
que ficaria triste,
remoendo em minha cabeça...

Mas não.

Não aconteceu ? e que bom que não aconteceu.

Talvez essa seja a lição:

aprender a ser comigo,
carregar o que é meu,
com menos culpa,
com menos desprezo.

Fiz o que pude,

e carrego os resultados.

Não posso mudar o que já foi feito,
mas posso aceitar o que já foi.

Não prometo viver sempre nessa constância,
mas que prazer é poder viver isso:

ser,
sem tanta culpa,
sem tanto peso.

Metamorfose em Flor

Prefiro ser quem muda com o tempo,
uma estrada viva, em movimento,
do que guardar, como pedra no peito,
um pensamento antigo, sem jeito.
Há quem traga no corpo uma dança,
feito canto antigo, feito esperança,
uma certa magia, um dom sutil ?
um fogo calmo, mas sempre febril.
É preciso coragem pra ser inteiro,
pra ter no olhar um mundo verdadeiro.
É preciso ter raça, ter alma acesa,
e uma fé teimosa na delicadeza.
Sem mapas, me escolhi antes de partir,
me alimentei do que há dentro de mim.
Demorei, mas aprendi a construir
com meus cacos um novo jardim.
Sou vento, sou dor, sou flor,
sou metamorfose em flor.

Órbita

Acho que teus olhos me tiram de órbita
me fazem querer ficar à deriva,
sentir tua respiração junto à minha,
ouvir a voz que me traz de volta...

Teus cabelos me lembram a beleza da vida,
e teus olhos, ímãs que me orbitam.
Tua doçura é meu mapa estelar.
(Ah... esse enigma que não sei explicar!)

Tu chegas, tu preenches,
me fitas e me tens.
Anseio tua chegada
e sabes o quanto és esperada.

Talvez Seja Isso

A sensação de não saber
se dou o próximo passo
ou se fico ? só mais um pouco,
onde ainda sou metade.

Sempre que hesito,
é porque já sei o gosto do vazio
de dar o passo e não encontrar nada.
E isso, confesso, me cansa.

O corpo vai,
mas o coração fica encostado na parede,
olhando de longe,
com a certeza silenciosa de que já viu esse filme antes.

E eu me saboto, sim.
Mas não por fraqueza.
É por medo de ser fraca de novo
na frente de alguém que não vai ficar pra ver.

Talvez seja isso que me salve.
Ou talvez seja isso que me destrua.
Mas por enquanto,
é isso que me segura de pé.

Serei Sincera

Acho que o certo é eu ser sincera:

Dizer o que quero,

O que sinto,

E o que não sinto.

Não preciso entrar em detalhes,

Mas preciso ser verdadeira.

Se eu me calar,

Serei refém do que fui,

Das mesmas atitudes,

Dos mesmos erros.

E eu não quero isso.

A mudança mora nas atitudes,

Na coragem de dizer a verdade.

Caberá a ela decidir como lidar.

Quando eu disser,

Saberei ? enfim ?

Que estou sendo eu.

A pausa

não é paz,
mas também não é guerra.
é só o peito quieto,
cérebro quieto,
sem vontade de ir,
nem de voltar.

não arde,
não pulsa,
não dói.
não culpa.
é só um silêncio limpo,
como a casa depois da tempestade.

não sei se é alívio
ou desistência.
só sei que estou tranquila.
e que, hoje,
isso basta.

As coisas que não aprendi

no geral, sempre fui sozinha.
errei muito, não por descuido,
mas porque nunca tinha feito antes.
às vezes penso:
será que os erros nascem disso?
de não saber?
de não ter tentado antes?
acredito que não.
acho que errar também vem
de algumas escolhas mal feitas,
do medo,
de não saber o que fazer,
para onde ir,
ou o que ser.
ah, já nem sei
se isso faz sentido algum.
e se fizer,
que seja só para mim.

A Arte de Estar "Presas"

Estou "presa",
presa às decisões que me cercam,
presas às emoções que me invadem,
presas às dores que insistem em ficar.

Minha mente é um mar agitado,
uma multidão de pensamentos que nunca sossega,
correndo céleres,
diante de situações que gritam por respostas,
respostas que só eu posso dar.

A cabeça lateja,
o peito aperta num pulsar constante,
o choro, silencioso e tímido,
viaja por entre os poros da alma.

Como eu queria,
ah, como eu queria!
ter sido ensinada a navegar esse mar,
a dançar com essas dores desde menina,
a conhecer as cordas do coração antes que elas se rompam.

Mas falo agora,
não do passado que me moldou,
mas do presente que insiste em me prender
presente que me convida a aprender,
a transformar a arte de estar presa
na arte de me libertar.

O que o abraço calou

Faz dias que quis te escrever
Mas o tempo, esse tropeço,
Embrulhava o dia em pressa,
E o pensamento... ah, o pensamento!
Mandar e não ser lida,
Ser eu a que corre...
Outra vez.

Mas hoje ela nasceu.
Ou melhor: ontem.
Soube por uma foto tua,
Tão simples, tão divina ?
E vi teus olhos no rosto dela,
Teu traço suave, tua calma.
Ela é linda.
Linda como um sussurro do universo.

Escrevo não a ti,
Mas a ela, e ao vento,
Que leve esse verso por entre os astros:

Seja bem-vinda,
Flor de um novo tempo.
Mesmo longe, desejo o que antes já era meu querer:
Que a vida lhe seja luz.
Que ela cresça em amor.

E quanto a nós...
Ficamos em silêncio.
Mas não em vão.
Às vezes, o amor não parte, só muda de lugar.
E mesmo distante, sigo te desejando
Tudo o que o meu abraço calou.

Metade abismo, Metade peito

Eu?
Quem eu sou?
O que eu amo?
Quem eu amo?
O que esses detalhes constroem?
Qual a singularidade aqui dentro?
O que ela revela?
Incertezas?
Dúvidas?
Medo?

Entre perguntas que em mim se aninham,
sou verso solto em rima que caminha.
Sou tempestade, sou brisa e lamento,
sou coração buscando entendimento.

E mesmo sem ter tudo à mão,
sigo dançando com a contradição.
Pois ser é esse enredo imperfeito:
metade abismo, metade peito.

Depois do Adeus a Mim

Talvez, em outra vida, eu me sinta inteira
sinta que posso viver,
que posso amar,
que posso ter,
que posso ser,
que posso pertencer,
que posso sentir e dizer o que sinto, sem sombras, sem dúvidas, sem medo.
Acho que o tempo de fazer as coisas, nesta vida, já se foi.

Até onde?

Até onde isso vai me levar?
Ou até onde posso ir com isso?
A mesma dor?
O mesmo nó na garganta?
A repetição cansada do que já sei?

Pensar.
Deixar ir.
Pensar.
Ir...
Mas sigo parada.

A confusão dança na minha mente,
mas, no fundo,
a decisão já está feita.
Ainda assim,
me prendo à ilusão.

Até quando vou esticar essa espera?
Se nada muda,
se nenhum arrependimento floresce,
e tudo continua como sempre foi...

E eu,
permitindo-me estar,
com medo,
na dúvida,
mas certa:

esse não é o meu lugar.

A Vida que me espera

Conto os dias como quem costura o tempo
à esperança do que ainda não viveu.
Minha mala já transborda de saudade
de um lugar onde ainda não estive,
mas já me chama.

A alegria sorri só de imaginar
o toque real do que tanto sonho.
Anseio pertencer, enfim,
ao que escolhi ser.

Nos meus sonhos,
tenho a vida inteira.
Mas nas entrelinhas,
mora o medo
de não caber nela.

No que sobra do silêncio

Amar o perdido
sempre deixa confundido o meu coração.
E quando eu mesma me perco,
é como se tudo se desfizesse,
até o coração se desfaz em pedaços de silêncio.

Perco as coisas lindas
na espera das findas,
nas orações que se lançam
nesse caminho intenso que é a vida.

A vida que às vezes maltrata,
às vezes confunde,
outras alivia.

Mas sempre permanece um enigma:
o que transcende a dor
não é só consolo,
é também um chamado obscuro,
um eco que me pergunta
quem sou depois da perda?

Que me encontre VIVA

Não sei até quando a vida vai se estender,
nem quanto dela caberá em mim.
Ou melhor... o que realmente irei viver.

Sigo, porém, desprendida
da ilusão de sempre ter, sempre ser,
do eterno ter que se impõe.

Ainda não compreendo a vida,
mas já não me desgasto mais com essa dúvida.

Viver, penso, é encontrar
um sentido,
um amor por si mesmo,
ir atrás do que se ama,
do que se é,
do que ainda se deseja ser.

Tudo o que mais quero
é que, quando a morte vier me procurar,
ela me encontre viva.
Viva de verdade,
intacta na presença do instante,
para que, só então, eu possa morrer.

Acordo com o Tempo

Tempo, tempo, tempo...
quero falar contigo.

Me espera,
ainda tenho tanto a conquistar.

Olha pela vida da minha mãe:
permanece perto,
devagar,
com calma.

Entrega-te também à minha irmã.
Guarda seus sonhos de menina,
abre caminhos
para o que ela sempre quis.

Dá-me um pouco de ti, tempo,
para que eu veja tudo isso,
para que eu faça parte.

Tempo, tempo, tempo...
não venho te desafiar.

Só te peço:
tu, que és compositor de destinos,
ouve meu acordo
silencioso.

TEMPO
TEMPO
TEMPO...

Inventário das perdas

Acho que ando temendo a vida,
ela chega como um vento frio,
soprando a lembrança
de que tudo pode se desfazer.

Não é medo das coisas,
é medo das pessoas,
da ausência que pesa mais
do que qualquer silêncio.

Medo de perder minha mãe,
minha irmã,
de chorar de novo
pelas perdas que já me arrancaram.

E ecoa em mim aquela frase:
tudo que eu tinha medo de perder, eu perdi.

Perdi sonhos
como folhas levadas pela correnteza,
perdi a infância
no relógio apressado dos dias,
perdi horas, minutos, segundos,
como quem deixa escorrer água
entre os dedos.

Perdi o tempo,
perdi memórias.

E guardo ainda um temor secreto:
que no fim,
entre tantas perdas,
eu acabe por perder a mim.

O avesso da pele

Tudo que eu tinha medo de perder, eu perdi.

E **"a saudade só é bonita na poesia"** (Clarice Lispector),
na vida, ela pesa como pedra na alma.

"A tristeza é o olhar voltado para si." (Carlo Acutis)

E ainda assim, até o avesso da minha pele
se torna resistência e força.

"Porque viver é isso:

ficar-se o tempo todo se despedindo." (Clarice Lispector)

Apenas uma vez, e nunca mais,
e cada adeus é uma ferida que não fecha.

Perdi o tempo, perdi memórias,

mas **"eu tenho em mim todos os sonhos do mundo."** (Fernando Pessoa)

Sonhos que queimam,
sonhos que me erguem.

"Um livro deve ser o machado

que quebra o mar de gelo dentro de nós." (Franz Kafka)

E **"é melhor ser infeliz e saber disso,**
do que ser feliz e viver numa mentira." (Dostoiévski)

No fim, descubro que

"tudo que tenho é o que não sei." (Fernando Pessoa)

E, apesar das perdas,
apesar da dor que me atravessa,
ainda permaneço.

Erro Miserável

Errei o que eu sabia.
Um erro miserável.
Pequeno, mas suficiente pra me desmontar.

Achei que tinha mudado,
que as cobranças tinham diminuído,
que eu já sabia lidar comigo.

Mas não.
Bastou isso.
Um deslize,
uma confusão,
um instante.

E tudo voltou.
A culpa,
o peso,
o medo de nunca ser o bastante.

Chorei.
Como se as lágrimas pudessem apagar o erro,
ou me fazer entender o porquê.

Mas não sei.
Só sinto.
Sinto esse erro miserável
ecoando dentro de mim,
como se fosse mais do que um erro,
como se fosse um lembrete
de que ainda dói ser eu.

O corpo sabe, o corpo sente

Há um instante em que o corpo entende
o que a mente ainda nega.
É quando ele sussurra, em silêncio:
"é hora de voltar."

Voltar à rua,
ao caminho interrompido,
ao som que não cessa na lembrança.

E tudo parece o mesmo,
as luzes, as calçadas,
o ar que insiste em ser o mesmo ar,
mas algo em mim ficou imóvel
naquele dia.

Desde então,
a madrugada me encontra desperta.
O corpo dói,
recorda.
E a mente, cansada,
repete o medo como quem reza.

Talvez o trauma seja isso:
uma parte de nós que se recusa a voltar.
Que permanece ali,
no ponto exato onde o tempo partiu.

E o resto de nós
segue,
devagar,
como quem aprende a andar
num chão que já o derrubou.

O peso de cada vez

Hoje pensei no que escrever.
No que a vida ainda esconde
nas frestas do tempo.

Olhei as pessoas passando,
e, sem querer,
tive medo do futuro.

Medo de não me realizar,
de não alcançar o que sonho.
É um medo interno,
quase invisível,
mas que corrói devagar.

Tenho medo disso ,
medo mesmo.

Mas sigo aprendendo
a respirar entre as incertezas,
a confiar no que cresce em silêncio,
a viver um peso
de cada vez.

Ser em mim

Que seja contigo?
Não. Que seja comigo.

Que eu me descubra no silêncio,
entre o medo e a calma,
entre o que fui
e o que ainda tento ser.

Que eu aprenda a amar sem espelho,
sem a ânsia do retorno,
sem me perder no outro.

Que eu saiba existir nas ausências,
sem confundir solidão com falta,
sem temer o eco do próprio coração.

Que eu seja o instante e o infinito,
a busca e o abrigo,
a dor e o florescer.

Que eu me reencontre,
inteira, imperfeita,
mas minha.

Reconvexa de mim

Sou o instante antes do pensamento,
a pausa entre o que sinto e o que digo.
Sou o reflexo que não se reconhece,
mas insiste em procurar sentido.

Não há mapa que me contenha,
sou o desvio e o retorno,
a fronteira entre o medo e o encontro,
a voz que se cala pra entender o próprio eco.

Carrego o peso do que ainda não vivi,
e a leveza do que decidi deixar.
Sou o intervalo entre o fim e o começo,
onde a alma descansa e se refaz.

Não busco respostas, busco presença.
Não quero certezas, quero silêncio.
Sou o que resta quando o mundo adormece,
e o que nasce quando eu enfim me vejo.

Linha reta

Linha reta,
sem curva,
sem buracos,
apenas um caminho,
uma estrada.

Outrora, uma pedra.
Outrora, um tropeço.
Depois, o levantar, o caminhar,
um novo recomeço.

Sem perguntar
por que havia a pedra,
ou por que o tropeço.
Tudo se renova.
Tudo continua.
E o caminho segue,
até onde a estrada guia.

O mundo e o medo

O que será que acontece
dentro da gente,
quando a gente parte?

Quando se tem medo...
Não,
acho que a pergunta certa seria:
o que acontece no mundo
quando a gente tem medo?

A resposta, talvez,
seja nada.

O medo só pertence a nós,
a cada um,
a quem sente.

O mundo não muda
pelo nosso medo.
Mas a gente muda
o nosso mundo
por causa dele.

O mundo que tu percebes,
que tu idealizas viver,
é só tua percepção.

Porque o mundo,
esse, lá fora
não liga pra ninguém.

Segue.
Com teu medo,

ou sem ele.

Porque o mundo, garota...

ele não vai sorrir,

nem cuidar de ti.

O Instante Vazio

Sempre pensei que, quando algo estivesse prestes a acontecer,
o instante, seria cheio de sentidos.

Mas a verdade é que ele chega vazio,

e o que ocupa tudo é o medo.

A incerteza.

E, quando tudo acontece, dependendo da situação,

você tenta entender o que houve,

ou que poderia ter sido evitado.

À incerteza, o medo, o alívio.

A angústia.

O temor de ter sido arrancada da vida por um erro bobo.

Um retrato silencioso do meu acidente.

A pronúncia do ausente

Eu te pressinto antes mesmo de existir,
como quem decifra um nome escondido
entre os silêncios de um livro antigo.

Leio você nas frestas dos poemas,
na pausa inesperada de uma vírgula,
no fôlego que falta quando a página vira.
Como se tua presença estivesse sempre por perto,
mas jamais inteira.

Não tenho tuas mãos, nem teu rosto,
apenas a promessa sutil de que, em algum tempo,
alguém há de caber no que escrevo.
E, quando chegar, talvez entenda
por que meus versos procuram por ti
mesmo sem te conhecer.

Até lá, deixo que o mistério conduza,
e que o amor, esse que ainda não tem destino,
me escreva de volta um dia.

Eu, espelho de Sidarta

Eu, que tanto quis decifrar o livro do mundo,
esqueci que a primeira página era a minha.
Passei pelos dias como quem passa por espelhos apagados,
desprezando sinais, ignorando alertas,
achando meus olhos pequenos
e minha própria voz sem valor.

Mas o tempo, sábio e silencioso
sussurrou que ninguém encontra o caminho
enquanto foge de si.

Então despertei.
E ao me ver, pela primeira vez,
percebi a desconhecida que eu era,
a estranha que habitava meu peito,
a ausência que eu mesmo me dei.

Agora caminho de volta,
folheando devagar a minha essência,
reconhecendo cada palavra que um dia temi.
E descubro, enfim,
que o livro que sempre busquei
começa no instante
em que deixo de fugir de mim.

caminho(S)

IR?

SEGUIR!

SEGUIR...

PARAR.

IR!

IR?

SEGUIR.

PENSAR!

PARAR...

CONTINUAR!

PENSAR?

VOLTAR.

CONTINUAR?

PARAR.

PENSAR...

SEGUIR!

SEGUIR.

Enfim, caminhos...

Devagar

Quero chegar ao tempo de te ver acordar,
te olhar sem pressa, devagar,
como quem repousa os olhos num milagre.
Guardar em mim cada parte tua,
fazer de ti o único lugar onde meu afeto cabe.
Aprender contigo a dança
que sozinha nunca acerto
nesse compasso torto da vida.
Que sigamos no mesmo ritmo, no mesmo tom;
e, se o tom falhar, que o ritmo nos ache,
quem sabe o caminho, talvez o destino.
Mas, agora, o que posso te oferecer é a solidão.
Não a minha inteira,
mas alguns minutos dela.
Ainda assim, te queria perto.
Presente.
Tocável.
Sentível.

Regresso

Respirar,
depois de anos sem ar.
Rir por dentro,
depois de tantos dias feitos de dor.
Estar bem,
depois de uma longa temporada de confusão.

Viver,
depois de apenas sobreviver.
Sentir,
depois de tanto silenciar.
Ter algumas certezas,
depois de conviver com tempestades.

Encontrar-se dentro de si,
depois de andar perdida no próprio peito.
Habitar-se,
depois de tantos anos vivendo
como quem dorme na rua de si mesma.

Dentro do Natal

No início, tudo parecia lindo.
Confortável.
Bonito.

Depois, foi se desfazendo,
como quem descobre tarde
que o encanto era frágil.

A ilusão que criei para mim,
criei para me enganar,
foi escorrendo pelas horas
até não sobrar quase nada.

A realidade bateu à porta
sem pedir licença,
mostrou-se crua,
exatamente como era.

A música já não fazia sentido
nem dentro, nem fora de mim.

Tentei me encaixar.
Tentei ser.
Tentei caber.

Mas não sou a mesma
que se molda para existir em espaços pequenos.

E assim se encerra mais um Natal,
ou talvez não.
Porque sigo viva
ainda dentro dele.

